OSMAR BALMANT

TIRANDO FORÇAS DA FRAQUEZA

José: da cova ao palácio

TIRANDO

FORÇAS

DA

FRAQUEZA

JOSÉ: DA COVA AO PALÁCIO

Osmar Balmant é Ministro do Evangelho da Igreja Evangélica
Assembléia de Deus do Ministério do Belém - São Paulo - SP,
e conferencista.

DEDICATÓRIA

À minha esposa, Cléria Regina, e aos meus filhos, Ocimara e Júnior, instrumentos imprescindíveis na execução de meu ministério.

Aos inúmeros companheiros, obreiros do Mestre que, incansavelmente, pregam a Palavra de Deus em todos os rincões de nossa pátria e no exterior.

Aos meus pais e avós por me haver legado a maior herança desta vida: o conhecimento do Senhor Jesus Cristo desde a tenra idade.

À memória de meu avô, Norival Balmant, "irmão Teixeira", e de meu sogro, Doracy Marques, valorosos servos de Deus que já dormem no Senhor. (Ap. 16.12).

Aos meus irmãos em Cristo, notadamente os que se envolvem com a Obra

Missionária.

PREFÁCIO

Tenho a honra de prefaciar tão linda obra **"TIRANDO FORÇAS DA FRAQUEZA" - José: Da Cova ao Palácio - na** qual o Pr. Osmar Balmant, este valoroso servo de Deus, que durante décadas tem se dedicado ao estudo das sagradas letras, bem como à arte da oratória' sacra, abre neste instante ímpar seu tesouro a todo o povo de Deus, engalanando nossos lares com profícuos ensinamentos que, após lidos, servirão de alento para a nossa meditação diária, bem como base para nossa preleção.

Quero congratular o digno escritor pelo esmero e dedicação por ter-nos presenteado com esta magnífica obra, bem como toda a Igreja do Senhor pela aquisição deste tesouro.

Pr. JOSÉ WELLINGTON BEZERRA DA COSTA
Presidente da CGADB –
Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil

AGRADECIMENTOS

Preliminarmente, o meu preito de gratidão a Deus, a quem pertence a glória e majestade, pela inspiração de Sua Palavra e pela oportunidade de sermos instrumentos em Suas mãos. A Ele, o grande e sábio arquiteto do Universo, pela revelação de sua Palavra tão doce aos que buscam refrigério.

À minha esposa, Cléria, e meus filhos, pelo incentivo em editar este trabalho.

Uma palavra de gratidão ao Pastor José Wellington Bezerra da Costa, mui digno Presidente da CGADB e do Ministério do Belém, onde milito na Obra do Senhor Jesus, por prefaciar este livro que Deus inspirou-me a escrever.

Impossível deixar de mencionar meu primeiro pastor, Teodoro Tofwkan Towkaniuk, a quem aprendi respeitar desde a minha mais tenra idade e aos meus amigos pastores e obreiros em geral, que incentivam o meu ministério, homens de Deus com quem convivi e atualmente convivo na Seara do Mestre. São tantos que é impossível nominá-los.

Meu muito obrigado aos meus queridos irmãos em Cristo que, diuturnamente, oram por mim, "para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra com confiança, para fazer notório o mistério do evangelho" (Ef 6.19).

Os meus agradecimentos pela colaboração do Prof. Vitorio Barato Neto, Titular de Prática de Ensino da Língua Portuguesa e Latim da Faculdade de Educação São Luis de Jaboticabal-SP, que leu os originais e, gentilmente, procedeu a revisão deste livro.

Finalmente, agradeço a você, leitor, por dispender seu precioso tempo na leitura deste livro, esperando que as palavras nele escritas cooperarão, sensivelmente, na edificação de sua fé.

Osmar Balmant

INTRODUÇÃO

A história de José tem trazido, ao longo dos séculos, inspiração a milhões de pessoas em todo o mundo. José é considerado o tipo mais perfeito do Senhor Jesus em toda a Bíblia.

Disse Skinner: “Esta é uma das mais artísticas e fascinantes biografias do Velho Testamento."

A resignação de José perante o sofrimento imposto por seus irmãos e por aqueles que o cercaram, tem servido de inspiração a pregadores de todas as gerações.

O salmista, inspirado pelo Espírito Santo, declara-nos que José foi provado, segundo a Palavra de Deus: "....a Palavra do Senhor o provou" (SI. 105.19).

No cotidiano de cada um de nós, existe um pouco da história de José. As provações cruéis enfrentadas por esse patriarca são fontes de inspiração para servos de Deus em todos os tempos e em todos os lugares.

Constantemente, deparamos com pessoas que se emocionam ao ler os últimos treze capítulos do livro de Gênesis, observando como Deus trabalha em silêncio. Um jovem de 17 anos, vendido a estranhos mercadores, enfrentando as mais árduas provas e tribulações, torna-se o governador do Egito. E a presença do Deus Eterno na vida de quem saiu da cova e sentou-se no palácio. Quantas vezes já chegamos às lágrimas quando deparamos com a cena do encontro de José e seus irmãos após duas décadas de separação!

Neste livro, o nosso desejo é demonstrar como a soberania de Deus age no benefício dos que o temem. Não obstante fosse odiado pelos próprios irmãos, colocado numa cova de amargura, vendido a traficantes de escravos, caluniado por uma ímpia mulher, encarcerado com injustiça, José desponta na história dos hebreus como o homem que Deus usou para preservar o povo de Israel.

A história de José é a mais pura realidade de que é possível tirar forças da **fraqueza e que um sonho não se pode apagar. Feliz é o homem que sonha, que tem anelos e esperança. O homem que não tem um sonho perdeu a razão da vida.**

José é um dos heróis da casa de Israel. O escritor aos Hebreus, sabendo da importância de José. inseriu-o na famosa galeria do capítulo 11.

Veremos, ainda, a importância dos sonhos de José e seu cumprimento no momento oportuno. Chegaremos à conclusão de que é preciso sonhar, mesmo que venham adversidades no decorrer de nossas vidas.

A realização deste trabalho é conseqüência de um estudo bíblico ministrado à Igreja do Senhor Jesus, quando usei como ilustração as provas da vida de José. Um ministro do Evangelho, que ouvia a Palavra, foi sensivelmente tocado pelo Espírito Santo e, dias após, procurou-me para uma troca de idéias. Ele mesmo incentivou-me a que fizesse algum escrito sobre a vida de José. Daquele incentivo, resultou este livro. Toda glória seja dada ao Senhor, o Deus da vida de José.

Creio que, ao ler atentamente estas páginas, acompanhado pela inseparável companhia da Bíblia Sagrada, o Livro dos livros, o leitor encontrará muitas razões para respirar o ar puro da Graça e da Misericórdia de Deus e verá que poderá triunfar em meio a crises e indiferenças de um mundo sem esperança.

O alento resultante da leitura deste livro será o maior prêmio que se poderá pagar ao autor.

Desejo do profundo de minha alma que, após ler este livro, possamos ser mais um dos que da fraqueza tiram forças, (Hb. 11.34).

ÍNDICE

Página
1 - Quem era José ?..... 08
2 - Parcialidade no trato com os filhos..... 10
3 - Um presente para José..... 11
4 - Os sonhos de José..... 13
5 - A conspiração dos irmãos de José..... 15
6 - José é vendido pelos irmãos..... 17
7 - Os irmãos de José enganam o próprio pai..... 19
8 - José revendido a Potifar..... 21
9 - José foge do pecado..... 23
10 - José levado ao cárcere..... 25
11 - A soberania de Deus na vida de José..... 28
12 - Os sonhos de Faraó..... 30
13 - A troca do cárcere pelo palácio..... 32
14 - José governa o Egito..... 35
15 - A fome chega a Canaã..... 37
16 - Preparativos para a segunda viagem..... 40
17 - Um presente de pai para filho..... 41
18 - Os irmãos reconhecem a José..... 44
19 - José convida sua família a mudar-se para o Egito..... 46
20 - A progressão da bênção de Deus..... 48
21 - A família de Jacó chega ao Egito..... 50
22 - O encontro do filho amado..... 52
23 - José, o administrador por excelência..... 53
24 - Os últimos dias de Jacó no Egito..... 54
25 - Jacó abençoa os filhos..... 56
26 - A morte de Jacó e de José..... 63
27 - José, nosso contemporâneo..... 65
28 - José, o jovem..... 67
29 - José, um tipo perfeito de Jesus..... 69
- Bibliografia..... 75

1
QUEM ERA JOSÉ

José é o décimo primeiro filho de Jacó e primeiro filho de Raquel, a amada de Jacó. Ao nascer, seu pai disse: "O Senhor me acrescente outro filho", chamando-o de José que, em hebraico, significa: "O Senhor aumenta" ou "O Senhor acrescenta". O nascimento de José foi uma providência divina à medida que diz a Bíblia: "Deus lembrou-se de Raquel, e Deus a ouviu, e abriu-lhe a madre" (Gn 30.22).

O nascimento de José trouxe a Jacó a alegria ímpar de poder ter descendência de sua amada esposa, aquela por quem tanto lutou para desposar. Ao nascer José, Raquel expressou toda sua alegria quando disse: "Tirou-me Deus a minha vergonha" (Gn 30.23). O nascimento de José deu-se em resposta de oração. A chegada de José ao lar de Jacó trouxe novo alento ao patriarca, porque tomou a decisão de voltar à sua terra, ao seu lugar de origem, à terra de Canaã. Foi depois do nascimento de José que Jacó tomou a firme resolução de retornar da casa de seu sogro Labão, que ficava em Pada-Arã, para a terra de seu pai Isaque. José, ainda adolescente, conduz-nos à reflexão de que havia algo de profético naquele acontecimento. Com o nascimento de José, nasce o desejo de voltar à Canaã, de voltar às bases, de reaproximar das origens. "E aconteceu que, quando Raquel teve a José, disse Jacó a Labão: deixa-me ir, que me vá ao meu lugar, e à minha terra" (Gn 30.25) Jacó tinha cerca de 90 a 91 anos de idade quando do nascimento de José.

Do berço à idade de 17 anos, as Escrituras não trazem algo específico a respeito de José; porém, nessa idade, onde os jovens de hoje se vêem numa encruzilhada para definir seus destinos, encontramos José, juntamente com sua família, a peregrinar nas terras de Canaã. Sabemos que era trabalhador e obediente em tudo a seu pai. A princípio, podemos notar neste jovem algumas qualidades espirituais que, na verdade, seus irmãos mais velhos não possuíam. José parece ser o único filho realmente piedoso naquela grande família. Os irmãos de José eram filhos de Jacó, mas somente Benjamin e José possuíam a mesma mãe, (Gn 37.2). José só tinha um irmão germano: Benjamin. Ambos eram filhos de Jacó e Raquel. Temos na Bíblia algumas informações sobre Rubem, o irmão mais velho, demonstrando seu caráter (Gn 35.22):- "deitou-se com Bila, concubina de seu pai..." e (Gn 49.4):- "Inconstante como a água, não serás o mais excelente; porquanto subiste ao leito de teu pai". Quanto aos demais irmãos de José, não temos informações detalhadas no texto sagrado, restando-nos conformar com as histórias de Rubem, Simeão, Levi e Judá, as quais fornecem-nos o retrato do espírito que dominava o ambiente familiar do patriarca Jacó. Através da lúcida explanação do capítulo 38 do livro do Gênesis, vemos a história vergonhosa de Judá, a qual não nos ateremos a estudar, mas deverá merecer uma reflexão demorada do leitor. Simeão e Levi haviam arrasado uma cidade inteira, para vingar um delito praticado pelo filho do rei de Siquém. Rubem, o irmão mais velho da casa, havia praticado um ato indecoroso, envolvendo-se com a própria concubina de seu pai. Em meio às ações reprováveis dos irmãos, destaca-se a pureza do caráter de José. A luz é mais intensa em meio às trevas. José era mais querido pelo seu pai do que todos os seus irmãos.

Mais que todos os seus irmãos, José tem seu nome registrado na Bíblia e nas páginas da história humana, notadamente da raça judia. A razão desta obra é constatar que, apesar da intensa provação a que foi submetido, José triunfou e nós, da mesma maneira e confiantes no mesmo Deus, também poderemos triunfar.

O alvo desta leitura é enxergar que Deus trabalha no silêncio para alçar um homem da cova e sentá-lo no palácio.

Raquel, a mãe de José e Benjamin. veio a falecer durante o trabalho de parto para o nascimento de Benjamin. Este fato dá-nos a informação de que José era órfão de mãe desde a sua infância.

Ocuparemos o espaço de algumas linhas para observar o momento em que José foi submetido à primeira prova de sua vida. Era um jovem de 17 anos de idade. Este é momento de reflexões de todo jovem acerca do futuro. Hoje, ao completar essa idade, milhões de jovens em todo o mundo estão ocupados com o vestibular, freqüentando as aulas dos cursos preparatórios, outros já pensam no ingresso no serviço militar, outros estão à procura de um bom emprego, enfim é uma fase decisiva na vida de qualquer moço ou moça. Mas aos 17 anos, encontramos José enfrentando o vestibular da provação. Quero lembrá-lo de que todas as provas enfrentadas por José tiveram a aquiescência do Todo-Poderoso, fato comprovado pela leitura do Salmo 105.19: "até ao tempo em que chegou a Sua Palavra; a Palavra do Senhor o provou." No decorrer deste livro, encontraremos um José que enfrentou as mais duras provas que um ser humano pode experimentar, felizmente aprovado com nota máxima. Foi o primeiro colocado naquelas provas e, por isso, alcançou a posição de destaque dada por Faraó, mediante a direção e indicação de Deus. Através de sua lição de vida e fé inabalável em Deus, José ensina-nos que só triunfam os que sabem tirar forças da fraqueza.

2
PARCIALIDADE NO TRATO COM OS FILHOS

Durante o apascentar das ovelhas, o comportamento dos demais filhos de Jacó era antagônico ao caráter da vida do jovem José. As histórias contadas no campo e as conversas desencontradas e chocantes dos irmãos contrariavam o espírito altaneiro de José. O modo como agrediam as ovelhas indefesas do rebanho trazia um desconforto a José, o qual relatava as anormalidades ao pai Jacó. O velho pai, face sua avançada idade, ficava em casa (Gn 37.2). "Sendo José de dezessete anos, apascentava as ovelhas com seus irmãos, e.....José trazia uma má fama deles a seu pai".

Por ser filho da amada Raquel, e por circunstâncias que só Deus sabe, Jacó amava intensamente ao filho José. Afinal, era o filho de sua velhice e resposta de orações constantes de Jacó e Raquel. Acrescente-se a isso que José ficou sem a mãe logo na infância. Porém, a maneira parcial com que Jacó tratava a José, trouxe tanto àquele pai, quanto a José muitos dissabores, os quais veremos em linhas próximas. Como advertência para nós, vemos que quando demonstramos maior amor por um determinado filho, pelo fato de ele ser mais obediente do que os outros, causamos um sério problema de relacionamento entre eles, pois a inveja aflora de imediato e leva, às vezes, a uma tragédia em família. Por isso devemos evitar esta demonstração.

Quem não conhece uma família onde isso acontece nos dias de hoje? Um filho é paparicado enquanto outro é rejeitado ostensivamente. Àquele predileto tudo, ao desprezado nada.

Não há família onde não exista filhos que sobressaiam aos demais; todavia, pelo bem do lar e com todo o temor de Deus. é de bom alvitre tratar a todos com eqüidade. A parábola contada por Jesus, acerca do filho pródigo, ilustra bem o pai ideal. Mesmo que o filho mais novo, rebelde, desobediente, tivesse provocado tantos dissabores àquela família, o pai fez, quando de seu retorno, uma grande festa para recepcioná-lo, provando que seu amor era idêntico tanto ao filho primogênito como ao que viveu parte de sua vida dissolutamente(Lc 15.11-24). “E, levantando-se, foi para seu pai, e quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e correndo, lançou-se-lhe ao pescoço, e o beijou.'"

O livro do Gênesis é repleto de histórias maravilhosas e ocupa-se intensamente com a vida de alguns patriarcas. Fala-nos de Abraão, de Isaque e de Jacó. dedicando a cada um deles diversos capítulos; porém, a partir do capítulo 37. o livro de Gênesis passa a relatar a história de José, fato amplamente notável, uma vez que 13 capítulos descrevem a vida e a prova desse personagem de fé, espaço maior que o ocupado pelas histórias de seu pai Jacó e de seu avô Isaque. A partir do capítulo 37. Jacó perde o lugar de destaque nas Sagradas Escrituras, e José ocupa o lugar de preeminência do escritor sacro. Um homem a respeito de cuja vida há tanto para escrever, deve ensinar alguma coisa a nós que palmilhamos este final de milênio. É isso que propomos neste trabalho. Encontraremos na vida de José e. em sua senda vitoriosa, alento para que possamos enfrentar árduas provas e, afinal, com a graça de Deus, sermos legitimamente coroados na Pátria Celestial.

3
UM PRESENTE PARA JOSÉ

Não existe amor sem doação. Carece de fundamento a tese em alguém que diz muito amar, alegue nada precisar dar. Uma das maiores ilustrações bíblicas desta verdade foi quando Maria de Betânia, para provar todo o seu amor e gratidão a Jesus, resolveu gastar cerca de trezentos dinheiros para adquirir um caríssimo perfume para ungir o Mestre (Jo. 12.1-8). "Então Maria, tomando um arratel de ungüento de nardo puro, de muito preço, ungiu os pés de Jesus e enxugou-lhe os pés com os seus cabelos; e encheu-se a casa do cheiro do ungüento." E impossível amar sem doar. Para manifestar seu contentamento com a obediência e o proceder do filho José, Jacó confeccionou para ele uma túnica. "E fez-lhe uma túnica de várias cores (Gn 37.3)". Não diz a Bíblia que Jacó tenha mandado alguém fazer ou que comprara de algum viajante. A melhor explicação é que o próprio pai Jacó teve o cuidado de fazer a peça tão importante do vestuário de José. Era uma túnica de várias cores. Ressalte-se que, naquela época, a túnica era uma peça do vestuário da alta sociedade e possuir uma delas era sinal de respeito. A túnica tem uma simbologia de autoridade, de poderio e de primazia. Note-se que, quando crucificaram a Jesus, os soldados, num ato de desprezo ante a autoridade de Cristo, tiraram sua túnica e lançaram sortes sobre a mesma. " A túnica, porém, tecida toda de alto a baixo, não tinha costura. Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela, para ver de quem será" (Jo. 19.23,24). Ao ser arrebatado, o profeta Elias deixou cair a capa, símbolo da autoridade profética, rapidamente levantada por Eliseu. o sucessor, visto que era coisa de valor. " Também levantou a capa de Elias, que lhe caíra, e voltou-se, e parou à borda do Jordão. E tomou a capa de Elias e feriu as águas. As águas dividiram-se e Eliseu passou a seco pelo Jordão" (II Rs 2.13,14). A túnica herdada por José tinha certamente um significado escatológico na visão de Jacó. Queria dar a porção de autoridade, de primazia ao filho querido e, certamente, pensava ser José o sucessor da família patriarcal. A túnica de José tinha várias cores, enquanto a dos demais irmãos eram comuns. A diversidade das cores fala-nos da diversidade dos dons. Vamos, no decorrer deste livro, encontrar com muita freqüência a variedade de ministérios e habilidades concedidas por Deus a José. Note-se que, na atual dispensação, o Espírito Santo também nos dá diversidade de operações, de dons e de ministérios. " Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer" (I Co 12.4-6,11 e I Co 12.27-31). Às vezes, pensamos na grande honra que envolvia receber a túnica de várias cores; todavia, aquele ato trazia responsabilidades, sofrimentos que logo mais passaremos a ver detalhadamente.

Permita o leitor que lhe chame a atenção para o detalhe de Jacó presentear José com a túnica de várias cores. O primeiro livro de Samuel relata-nos que a piedosa Ana subia todos os anos para o sacrifício, quando encontrava seu filho Samuel, ainda mancebo, servindo ao Senhor no templo, sob o sacerdócio de Eli. O costume de Ana tem muito a ensinar os pais de nossos dias. Levava aquela mãe, todos os anos, uma túnica que ela mesma fazia para vestir seu filho. " E sua mãe lhe fazia uma túnica pequena, e de ano em ano lha trazia, quando com seu marido subia a sacrificar o sacrifício anual" (I Sm 2.18,19). Ana não deixava que seu filho fosse vestido da "túnica do mundo", mas fazia questão de ela mesma dar a túnica a Samuel. Oremos ao Senhor para que possamos ter uma geração de jovens e adolescentes ornamentados com a Palavra de Deus, com a existência do culto doméstico, com pais piedosos e que

"ensinem o caminho em que eles devem andar" (Pv.22.6). Cuidemos para que nossos filhos recebam desde a mais tenra idade a túnica.do Evangelho genuíno de Cristo.

Já pensaram no momento em que o pai Jacó chamou José, na presença de toda a família, e passou-lhe às mãos aquela bela túnica? Há de se observar que a túnica era novíssima, e sua variedade de cores a tornava atraente e bela. Os irmãos de José acotovelaram-se e engoliram a seco aquela cerimônia de presenteação a José. Todos entenderam que não se tratava de um presente qualquer, mas de algo que envolvia muito mais que um pedaço de pano de cores variadas. Não era um brinquedo, uma bicicleta nova, um par de patins, porém, muito mais que isso. Naquela túnica, estava implícito o desejo de Jacó em ver a primogenitura recair sobre José. O primogênito Rubem já praticara ato que o desabilitou a representar dignamente a família patriarcal. Era necessário levantar outro filho, e a escolha de Jacó recaiu sobre José. " Quanto aos filhos de Rubem, o primogênito de Israel, porque ele era o primogênito, mas porque profanara a cama de seu pai, deu-se a sua primogenitura aos filhos de José, filho de Israel. Porque Judá foi poderoso entre seus irmãos, e dele provém o príncipe; porém a primogenitura foi de José" (I Crônicas 5.1,2). Biblicamente, a José foi dada a primogenitura dos filhos de Jacó. A história de José ficou conhecida por todo o povo de Israel através dos escritos, como vimos nos livros das Crônicas. Sobre Judá, diz a Bíblia ser poderoso e provedor do Príncipe, mas a primogenitura foi de José. Para melhor compreensão, vejamos as palavras do Salmo 108.8: "Efraim é a força da minha cabeça; Judá é o meu legislador."

Aquele ato de Jacó, ao presentear seu filho querido com a túnica, trouxe, de imediato, reflexos na vida cotidiana de José. O amor do pai Jacó já era ostensivamente claro para com José diante dos demais filhos e agora, com a túnica de tantas cores, agravou-se a crise no comportamento daqueles irmãos, os quais passaram a aborrecer a José e não podiam trocar palavras que não fossem ásperas.

O comportamento de Jacó merece alguma reflexão para os pais de todas as gerações da terra. O apóstolo Paulo asseverou na Primeira Carta escrita a Timóteo que ".....nada deve ser feito com parcialidade", (I Tm 5.21b). Como qualquer semente plantada deve-se colher o fruto correspondente àquela semente Jacó e seu filho amado, José, pagaram caro por aquela predileção especial.

4
OS SONHOS DE JOSÉ

José era um homem de sonhos. Antecipando a profecia de Joel Jl 2.28 "E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos e os vossos jovens terão visões". José tinha sonhos e visões que o levavam a um futuro grandioso, com reflexos diretos sobre toda a casa de seu pai Jacó e da nação de Israel. (Gn 37.5). Ao invés de guardar consigo, José punha-se a contar os sonhos a seus irmãos já entristecidos. No primeiro sonho, viu-se José com todos os seus irmãos no campo, atando molhos, quando os molhos de seus irmãos rodeiam e inclinam-se diante do molho de José. Tivesse guardado o sonho, os irmãos não o teriam aborrecido ainda mais, porém, cremos ter o relato do sonho contribuído para o plano de Deus na vida de José.

O segundo sonho, ainda mais abrangente que o primeiro, dá-nos uma visão de seu cumprimento em relação a toda a nação de Israel. Agora é o Sol, a Lua e onze estrelas que se curvam a José. O próprio Jacó repreendeu a José. "Que sonho é este que sonhaste? Porventura viremos, eu e tua mãe, e teus irmãos, a inclinar perante ti em terra? Seus irmãos o invejavam; seu pai, porém, guardava este negócio no seu coração." Jacó achou impossível ter cumprimento aquele sonho do jovem José. Certa vez. li em um muro as seguintes palavras: "Não se pode apagar um sonho". Era apenas uma pichação, mas nunca me esqueci daquela frase. Acrescento, entretanto, que os únicos sonhos que nunca se apagam, são aqueles dados por Deus e que Ele, pessoalmente, incumbe-se de cumpri-los no devido tempo. O Espírito de Deus, todavia, fez com que Jacó pensasse seriamente nos sonhos de seu filho obediente e guardava no coração todas as palavras de José e seus sonhos. A inveja dos irmãos aumentava. Eram sonhos que incomodavam a Rubem, Simeão, Levi, Judá e os demais irmãos. Quem não sonha com bênçãos de Deus, não tem motivos para incomodar a ninguém. Vejam que os apóstolos, especialmente Pedro e João, só experimentaram a perseguição quando, usados por Deus, ordenaram a cura do coxo na Porta Formosa. Quando começaram a incomodar, chegou a hora de guardá-los na prisão. O sonho de José era um sonho de liderança. Não eram frutos de "barriga cheia", mas de uma visão profética da parte do Senhor Jeová. Queira o Espírito Santo que todos tenhamos sonhos que visem à glória de Jesus, à edificação da igreja e ao preparo da noiva para o arrebatamento. O sonho de José estava de acordo com a instrução mosaica: "O Senhor te porá por cabeça, e não por cauda." (Dt 28.13).

Mais que nunca, é preciso sonhar, possuir anelos, alimentar as esperanças. O homem que não sonha, perdeu o sentido da vida. Enquanto vivermos, é interessante que sonhemos e anelemos a glória do reino de Deus na terra e um gozo indizível nas mansões celestiais.

Mesmo com as considerações a favor de José, devemos aprender com ele que não é bom alardear nossos sonhos. Sem dúvida, José foi precipitado em relatar aqueles sonhos a seus irmãos. Tendo em vista sua adolescência, José revela precipitação e imaturidade em contar-lhes os sonhos. O propósito de Deus em revelar a José aqueles sonhos era prepará-lo para seu espinhoso futuro, e não para ser-lhe motivo de exaltação sobre seus irmãos. Seu pai Jacó, homem de freqüentes visões de Deus em sua vida, ate que pôde entender e diz-nos o texto: "seu pai, porém, guardava este negócio no seu coração" (Gn 37.11), mas os irmãos não suportavam ouvir sonhos que colocavam José em posição de destaque. Tiremos algumas lições disso para nós. Devemos ser cautelosos e guardar para nós mesmos alguns sonhos que temos, pois o cumprimento poderá ser ainda longe e, estando só em nosso coração, não levantaremos provocações

de outros. Que o nosso sonho seja de exclusivo conhecimento de Deus.

O sentimento que dominou os irmãos de José é a inveja, tão combatida nas cartas do Novo Testamento. A inveja surge sempre da tentativa de compensar o fracasso em relação a outras pessoas. O invejoso não aceita o sucesso de outrem. Será bom lermos as palavras de Pedro: “Deixando, pois, toda a malícia, e todo o engano, e fingimentos, e invejas, e todas as murmurações....."(IPe 2.1-3).

Uma palavra explicativa à luz do Novo Testamento faz-nos entender que Deus. às vezes, nos revela sua vontade através de sonhos proféticos (Gn 28.10-17- o sonho de Jacó a caminho de Pada-Arã. Mt 1.20,24- José. de Maria, guiado por sonhos, aceitou a missão de cuidar de Jesus e preservá-lo da ira de Herodes), o que pode acontecer ainda em nossos dias, sob o Novo Concerto, embora sua revelação e orientação emanem principalmente das Escrituras: " Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós....." (Jo 15.7). Vivemos sob a égide da inspiração da Palavra e do Espírito Santo. Veja. ainda I Tm 4.6; Tg 1.21. O Espírito Santo, que em nós habita, é nosso guia por excelência. " Por que todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus" (Rm 8.1-17). Hoje, somos mais privilegiados que José, uma vez que possuímos acesso facilitado ao texto bíblico, donde tiramos forças para vencer as provas da vida.

5
CONSPIRACÃO DOS IRMÃOS DE JOSÉ

Não se pode avançar na história de José se não crermos de todo o coração na instrução de Paulo aos Romanos 8.28: "Todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus. daqueles que são chamados segundo seu propósito".

A Palavra de Deus nos declara em alto e bom som que: " Bem-aventurado é o varão que sofre a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida. a qual o Senhor tem prometido aos que o amam" Tiago 1.12. Parece até contradição consentirmos que é feliz o homem que enfrenta provas cruéis nesta vida; porém, ao nos debruçarmos sobre as lúcidas páginas da Bíblia, descobriremos que todos os vencedores, em todos os tempos e lugares, foram homens e mulheres provados com uma prova que pareciam não suportar, mas venceram com a bandeira arvorada pelo Espírito de Deus. E se eles venceram, você também poderá vencer no dia de hoje. Na galeria dos heróis da fé, tão inspirada de Hebreus 11, ainda cabem nomes daqueles que venceram, vencem e vencerão, unicamente através da fé no Deus de Abraão.

Certo dia. os irmãos de José trabalhavam no campo, cuidando das ovelhas, quando Jacó ordena a José que vá saber como andam seus irmãos. José apresenta-se incontinente, como lhe era de costume obedecer: "Eis-me aqui." A missão de José era saber do estado das ovelhas, do estado de seus irmãos e trazer uma resposta ao pai Jacó.

E valioso observar que todos aqueles irmãos que cuidavam do rebanho eram mais velhos que José e seria justo que tivessem mais juízo que ele. Rubem, Simeão. Levi e Judá eram já homens formados, tinham até filhos e história para contar. Benjamin. o mais novo, não estava no campo com Rubem e companhia, mas ficava junto do pai. Não tinha ainda idade para ajudar no manejo do rebanho.

A túnica era a peça do vestuário que, ao longe, identificava o sonhador José. Ao perceberem que José se aproximava do campo onde estavam, os irmãos de José conspiraram para tirar-lhe a vida. A primeira decisão foi matá-lo, só não acontecendo porque o irmão mais velho, Rubem, interveio de imediato, achando melhor colocá-lo numa cova, porque ali, certamente, morreria à míngua. A melhor explicação para a preservação da vida de José é que Deus estava no controle de tudo e evitou que o jovem fosse morto. Quem tem um sonho, a exemplo de José, não pode morrer sem ver o cumprimento.

De forma idêntica à que os judeus fizeram na morte de Jesus, aqueles irmãos acharam melhor pôr José na cova e deixá-lo morrer sozinho, do que eles mesmos colocarem as mãos para matar o irmão. Os judeus optaram por entregar Jesus nas mãos dos romanos a ter eles mesmos que crucificar o Mestre. "Responderam e disseram a Pilatos: Se este não fosse malfeitor, não lhe entregaríamos," (Jo 18.31). São muitas as evidências de que prisioneiros antigos eram colocados em covas e já foram encontradas pela Arqueologia muitas covas com restos mortais de homens condenados e ali abandonados a própria sorte. Ser colocado ou jogado na cova é experimentar a morte lenta. José teria o mesmo destino não fosse a intervenção do Deus da glória. Colocar na cova tem um significado bem atual, quando os homens, movidos pela inveja, ainda põem seus próprios amigos, conhecidos, colegas de trabalho, subordinados e até familiares na cova. Já que não podem, descaradamente, matá-los, uma saída fácil é colocar onde não possam ser vistos e alimentados. A cova é o lugar de desfazer os sonhos. Na cova, os sonhos viram pó se não houver a intervenção de Deus. Para José. a cova não era o fim, mas o começo. Parece-nos que a futura palavra profética de Isaías já tinha valor na vida de José: "O exilado cativo depressa será solto, e não morrerá na

caverna, e o seu pão lhe não faltará" (Is. 51.14). Foi ali que aprendeu a tirar forças da fraqueza, objetivando vencer as lutas e provas que ainda viriam sobre ele.

Antes de colocar o irmão na cova, é necessário arrancar-lhe a túnica. A explicação para o termo "arrancar" é porque não foi pacífico esse ato dos irmãos de José. Certamente, não usaram eles de diplomacia para a retirada da túnica, tais como palavras assim: "irmãozinho, entregue-nos a túnica." A tomada da túnica tem um significado importante, à medida do valor daquela peça do vestuário, conforme já observamos. Era como se os irmãos de José estivessem a dizer: "Onde está tua primazia, José?" "Onde está o carinho do seu pai, agora?" "Onde estão os teus talentos.?" De que lhe vale esta túnica de diversas cores? "A retirada da túnica significava vergonha e desprezo. Foi justamente isso o que aconteceu com o meigo e glorioso Nazareno. Não bastavam os açoites, o peso da cruz de maldição e o rasgar de seus vestidos. A túnica, sim, a túnica do Mestre, precisava ser tirada e sorteada entre os soldados romanos. Ocorre, entretanto, que a unção que havia sobre Jesus não estava na túnica, mas nas palavras do Pai quando disse: "Este é o meu filho amado em quem eu tenho todo o prazer" (Mt 3.17). Os irmãos de José pensaram que, subtraindo, grosseiramente, a túnica do filho querido de Jacó. nada mais restaria; porém, a unção na vida de José não residia na túnica, mas nos sonhos e na visão que tinha da bênção de Deus.

Deus tem compromisso com o homem que possui sonhos nobres e Ele, o Senhor da Glória, não permite que a cova seja a última estação de parada para seu filho nesta terra. Os irmãos de José pensaram que a cova era o fim na vida de José, mas era apenas o começo. Quem é chamado para ser Governador do Egito não pode morrer na cova. Quem tem uma visão do Cristo ressureto não pode ser sufocado pelas contrariedades desta vida. Mesmo na cova, a cabeça deve estar levantada em direção do céu.

Convido-o, prezado leitor, a levantar-se e entender que há um Senhor Poderoso, com braço forte a dizer-nos: "Afugenta-te em meus braços que a cova da provação terá o seu fim."

E a cova estava vazia. Deus sabia que a cova escolhida para jogar José estava sem água. Há quem já disse, com muita propriedade, que Deus pode até permitir sejamos jogados na cova, no calabouço. na panela de pressão; todavia, Ele não permite que seja colocada a tampa. A tampa é sempre colocada na parte de cima, por onde o aflito pode olhar para o céu e chamar a misericórdia de Deus. "Elevo os meus olhos para os montes, de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor (do céu. de cima) que fez o céu e a terra" (SI 121.1,2). A abundância de água na cova poderia afogar José e seus sonhos, mas ainda que tivesse água na cova. Deus a faria secar imediatamente, para que, por algumas horas, fosse o refúgio de José.

Como estivessem a comemorar o triunfo sobre José, enquanto o prisioneiro fica na cova, seus irmãos assentam-se para comer. Parece um paradoxo, mas está no texto sagrado: “Depois, assentaram-se a comer pão," (Gn 37.25). Era momento de refletir sobre o ato praticado contra o próprio irmão, carne da mesma carne, mas agora banqueteavam com o pão. O pão que comiam, foi trazido pelo próprio irmão que estava em visita ao campo, por ordem do pai Jacó.

6
JOSÉ É VENDIDO PELOS IRMÃOS

Enquanto comem aquele alimento, surge ao longe uma caravana de ismaelitas. Os ismaelitas são os descendentes de Ismael, filho de Abraão com Hagar. e. por conseguinte, pessoas com quem os filhos de Jacó não tinham uma relação de amizade tão profunda. Judá tem uma idéia, logo aprovada por todos: E melhor vender José a esses comerciantes, que vão indo para o Egito, que matá-lo. Afinal é o nosso irmãozinho! Não sabia Judá que a chegada daqueles viajantes mercadores era uma providência de Deus e que. após alguns anos, aquele jovem seria o governador do Egito, contribuindo para a perpetuação do povo de Deus e o surgimento do Messias. Jesus Cristo. No que concerne ao povo de Deus e ao cuidado que o Senhor tem por ele, podemos ver que não existem coincidências, mas providências. Quando Deus atua. as providências são reais. Coincidências não fazem parte da estratégia de Deus. Toda glória, louvor e adoração pertence a Ele. Não foi uma coincidência a passagem daqueles traficantes de escravos naquela hora do dia por Siquém, mas uma providência do Deus Eterno para que seu servo José fosse conduzido ao Egito, para preservar o povo de Israel da fome e desse povo levantar o Salvador, o Messias, o verdadeiro Leão da tribo de Judá.

O preço de José foi de apenas 20 moedas de prata. Não sabemos se houve alguma pechincha por parte daqueles hábeis comerciantes, mas devemos notar que foi um preço insignificante e se tal importância foi repartida com justiça entre os irmãos vendedores (o que é difícil acreditar em justiça), coube a cada um deles duas moedas! Eles ficaram com duas moedas de lucro na transação comercial, mas José foi para o Egito com os sonhos. Há sonhos que não têm preço. Os sonhos de José valiam o trono de Governador do Egito. Nada pode apagar o sonho de um servo fiel, de um obreiro valoroso, de líder realmente chamado e vocacionado por Deus, do jovem que deseja projetar a glória do reino do Senhor Jesus.

No seu pensamento de jovem de 17 anos, José talvez não tenha entendido tudo o que estava acontecendo. A cada quilômetro ficava mais longe de seu pai Jacó, da terra de Canaã. Não havia na mente de José qualquer justificativa para aquele transtorno. Já órfão de mãe, estava agora sem o amor do pai e sem a túnica. Só tinha os sonhos, e isso bastava. As mesmas palavras ditas por Jesus a Pedro encaixam perfeitamente no contexto daquele momento de dor e perplexidade na vida de José: " O que eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois" (Jo 13.7).

Naquele momento de separação de seus irmãos e do querido pai Jacó, José trocava o conforto do lar paterno pela viagem ao Egito com uma caravana de homens especializados no comércio de mercadorias e tráfico de pessoas. Ressalte-se, para melhor compreensão da dor de José. que era órfão de mãe desde sua meninice. O grande amor de Jacó a seu filho José, talvez, devesse ao fardo de sua orfandade.

Aqueles comerciantes, à moda de nossos dias, nada faziam sem visar ao lucro. Não compraram José para fazer beneficência. O alvo era vantagem financeira quando chegassem ao Egito com aquele jovem tão simpático. No caminho da poeirenta estrada que demandava ao velho Egito, aqueles mercadores podiam notar que José não era um escravo qualquer, daqueles que costumeiramente levavam em suas andanças. Poderiam ate inflacionar o preço daquele escravo, pois era culto, tinha bom comportamento, sabia ler e escrever. Afinal, José era um tipo de mercadoria em extinção e tudo isso reverteria num lucro fácil. Potifar, o chefe da guarda, quando comprou o escravo José, talvez tenha pago uma importância bem maior, ainda que não podemos avaliar a inflação

daqueles dias. O homem de sonhos, ainda que esteja na cova e vendido a estranhos, pode trazer lucro a alguém. Quem tem um sonho, um anseio, um anelo, uma esperança, não pode causar prejuízos a outrem. José pôde, até no sofrimento, acarretar bênçãos a terceiros. O apóstolo Pedro, a respeito da prova, diz-nos: "Para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e glória, e honra, na revelação de Jesus Cristo" (I Pe 1.7).

Interessante notar que Deus só tem interesse em provar ouro. O fogo da provação de Deus não é suportável por ferro, lata, cobre, etc... O nível da prova a que estamos sujeitos por Deus, demonstra a qualidade de nossa fé. Somos, hoje, grandemente abençoados pelas experiências de Jó, Daniel, Sadraque, Mesaque e Abedenego, mas para que isso acontecesse, eles passaram por provas e tribulações sem conta. Os três da fornalha, literalmente, passaram pelo fogo da provação, mas dali saíram triunfantemente porque o próprio Deus se encarrega de ajudar seus servos na prova, encorajando-os e confortando-os com sua doce presença. Um servo de Deus provado e aprovado, torna-se exemplo de fidelidade para outros. .

Em todo o trajeto de Siquém ao Egito, José foi um resignado jovem que aprendeu a tirar forças da fraqueza.

7
OS IRMÃOS DE JOSÉ ENGANAM O PRÓPRIO PAI

Embora José fosse tratado com crueldade pelos seus irmãos e vendido como escravo. Deus serviu-se dessas más ações do homem para realizar a sua vontade na vida de José.

A mesma túnica de diversas cores, outrora festejada, objeto do amor do pai Jacó a José, agora é tingida pelo sangue de um cabrito morto para o ato. Poderia prosseguir adiante com a história de José, mas resolvi analisar a sorte de um pobre cabrito que por ali pastava no momento da venda de José por seus irmãos. O cabrito não tinha nada a ver com o caso daqueles invejosos irmãos e só estava ali para pastar a novidade do campo de Siquém. Esse cabrito ilustra os casos em que até terceiros podem, às vezes, pagar por ingratidões daqueles que nos cercam. O cabrito morreu somente para justificar a crueldade que os irmãos de José praticavam. Não tinha a ver com o fato, mas, graciosamente, entrou para a história. Quantas vezes passamos pelo episódio do inocente cabrito, quando somos, involutariamente, envolvidos em provas de outros. Porém, se ajudarmos alguém a suportar a prova e conduzi-lo com sabedoria ao pódium da vitória, não perderemos o nosso galardão.

A diversidade de cores da túnica é manchada pelo sangue de um inocente cabrito, também apascentado pelos irmãos de José. A ação desses irmãos faz-nos pensar em nossa roupa celestial; a túnica de nossa salvação também foi tingida, marcada pelo sangue de um inocente, de um justo Cordeiro, o Senhor Jesus "Era desprezado, e o mais indigno entre os homens; homem de dores e experimentado nos trabalhos.....Ele foi oprimido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, Ele não abiu a sua boca," (Is. 53.3,7). O profeta Isaías anteviu o dia em que o Senhor Jesus haveria de ter seus vestidos marcados de carmesim: "Quem é este. que vem de Edom, com vestidos tintos de Bozra ? Este que é glorioso em sua vestidura, que marcha com a sua grande força ? Por que está vermelha a tua vestidura ?" (Is. 63.1,2). Ao ver a túnica manchada de sangue, o pai Jacó levanta sua voz em choro e lamento, põe saco sobre seus lombos e recusa ser consolado. Jacó entendeu que as marcas de sangue na túnica de José era sinal de que fora seu querido filho devorado pelas feras. Em contraste com Jacó, ao vermos crentes marcados, santificados, justificados, purificados, vestidos da couraça da justiça, alvejados pelo sangue carmesim, sentimos um gozo indizível e louvamos efusivamente ao Senhor.

Antes que avancemos na história, falemos acerca da covardia que dominava aqueles irmãos de José. Não tiveram coragem de eles mesmos exibir a túnica manchada de sangue. Contrataram um homem que tivesse a ousadia de enfrentar a reação do pobre pai ao mostrar-lhe a túnica de várias cores que pertencia a José. Aquele sangue na túnica tinha uma mensagem clara para Jacó: seu filho José havia sido morto. Os covardes não queriam estar presentes no primeiro impacto do pai ao ver a túnica manchada. Como foi um presente do próprio Jacó, imediatamente o pai reconheceu aquela peça de valor e lamentou a "morte" de José por muitos dias. Os filhos cercam a Jacó e apresentam-se para consolar o pai, demonstrando, mais uma vez, a disfarçatez que dominava aquelas vidas. Com a luz do Sol que brilha intensamente, a verdade bíblica abre-se diante de nós: " Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará"(Gl 6.7). Seis décadas atrás, Jacó havia enganado o Próprio pai Isaque ao se apresentar como Esaú. Agora, encontramos Jacó sendo enganado pelos próprios filhos, os quais não têm nem mesmo coragem de se apresentarem para o

engano e a fraude. Cuidemo-nos. Jacó esperou sessenta anos para colher a semente plantada dentro da própria casa em conluio com a mãe Raquel. Agora, no ambiente familiar, depara com os próprios filhos a enganá-lo e aborrecê-lo grandemente. Há algumas sementes que rapidamente, florescem árvores frondosas e logo frutifícam; outras, porém, precisam de mais tempo. Que tipo de semente estamos plantando?

8
JOSÉ REVENDIDO A POTIFAR

Ao chegar no Egito, após uma viagem cansativa, José é levado pelos seus "proprietários" à feira de escravos. Naquele local de comércio, os escravos eram criteriosamente observados e logo alguém se interessou por José, em razão de suas características, seu porte, sua educação.

Potifar, o capitão da guarda, homem egípcio, é quem compra José da mão dos midianitas. O significado do nome Potifar é "aquele que pertence ao Sol." A Bíblia faz questão de afirmar que o Senhor estava com José (Gn 39.2). Em todo o capítulo 39, encontramos quatro menções de que Deus não abandonou a José. "E o Senhor estava com José". Assim era o jovem José: Em casa. na cova, nas mãos de traficantes de escravos, na casa de Potifar, José desfrutava da companhia de Deus. Haveremos de concluir que, em nossa vida, poderemos perder a companhia de todos os que nos cercam, porém não poderemos abrir mão da companhia imprescindível, inseparável, confortável e poderosa do nosso Deus. Em país estranho, língua diferente, costumes diferentes, sem a companhia dos familiares, sem o apoio do pai querido, sabe que tem a companhia do Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó.

Por que José foi aportar justamente na casa de Potifar? A Bíblia nos orienta de que "todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus," (Rm 8.14). Não teria no momento do desembarque de José no Egito um outro interessado em comprar José ? A vida de José tinha um condutor seguro no leme e por isso Potifar foi quem se interessou por José e pagando o preço pedido pelos mercadores ismaelitas. O significado do nome desse capitão abre-nos a mente para crer que nada acontece por acaso na vida dos filhos de Deus. Potifar era, na crença dos egípcios, um homem que tinha a ver com o Sol; seu nome significa "aquele que pertence ao Sol". José estava sendo preservado na casa desse homem. José não iria morrer, pois afinal seria o instrumento de preservação da família patriarcal. Nessa família, estava Judá, a tribo que Deus usou para dela levantar seu filho Jesus, o verdadeiro "SOL DA JUSTIÇA" - Ml. 4.2 Is 9.2 SI. 84.11.

Potifar comprou José sem ter conhecimento de seus antecedentes e de sua vida pregressa. José chegou com a "cara e com a coragem"e o mais importante: a presença de Deus que, além de muitos atributos, é provedora, encorajadora e vitoriosa. Não tinha José documentos, carta de apresentação ou referências de trabalhos anteriores. Só tinha sonhos e sonhos de grandes bênçãos de Deus. Potifar não sabia o conteúdo dos sonhos de José, a conspiração de seus irmãos e a maneira como ele veio a ser escravo. Potifar não sabia que aquele moço era filho de um homem que sonhou com Deus e Deus lhe prometeu fazer da semente dele como o pó da terra, estendendo-se ao ocidente, ao oriente, e ao norte, e ao sul e que na semente dele seriam benditas todas as famílias da terra," (Gn. 28.14). Ali estava um escravo, mas seu pai tinha promessa de grandes riquezas. Na hora da compra, os ismaelitas, com toda certeza, notaram que José era parecido com seus irmãos. Viram a angústia que dominava a alma de José ao ser vendido por míseras moedas de prata. Para aqueles comerciantes traquejados da estrada, aquele negócio da compra de José era um tanto estranho. Estavam acostumados na compra de escravos em todas as terras, mas a transação de José fora um tanto diferente. O semblante, a aparência dos vendedores era muito parecida com a do escravo comprado. Aqueles comerciantes não se interessavam por detalhes, vez que o interesse maior era o lucro das transações comerciais. A eles não interessava o sentimento do escravo. Nessas circunstâncias, Potifar adquiriu o escravo José. A primeira vista, nada

de especial. Era mais um escravo que comprava para sua casa. Nos primeiros dias de serviço naquela casa. José sobressaiu e Potifar viu que o Senhor estava com José e que tudo o que ele fazia, Deus fazia prosperar em sua mão (Gn 39.3).

É interessante notar que os próprios irmãos não viram o que Potifar viu: a presença de Deus na vida de José. Convido o leitor a refletir que, costumeiramente, acontece o mesmo contigo. Alguém que não te conheça percebe a unção de Deus sobre tua vida. vê que tens sonhos altaneiros, que Deus está sobre ti, que tens as marcas de Cristo, enquanto aqueles que te cercam, teus amigos, teus irmãos, teus familiares, não enxergam nada em ti. Chegam a tratar-te com expressões de humilhação e desprezo. O próprio Senhor Jesus vivenciou esta fase em seu ministério. Enquanto as multidões famintas, necessitadas, corriam a seus pés para o refrigério do corpo e da alma, os próprios irmãos do Mestre o ignoravam, " Porque nem mesmo seus irmãos criam nele" (Jo 7.5). Todos nós temos nosso dia de José.

A presença de José na casa de Potifar tornou-se em motivos de bênçãos naquela casa. Deus abençoou a casa de Potifar por amor a José. Vale uma pequena lembrança aqui: podemos ser motivos de bênção desde que sejamos portadores dela. Com muita razão, a Bíblia diz que: "alguns, não o sabendo, hospedaram anjos," (Hb 13.2).

Potifar começou a experimentar prosperidade nunca vista em seu lar desde a chegada de José. A mão de Deus estava sobre José. e em tudo o que ele colocava a mão havia sucesso. Era impossível esconder essa nova vivência na casa do capitão. Naqueles dias, José já era a expressão viva da palavra escrita por Moisés: "O Senhor mandará que a bênção esteja contigo, nos teus celeiros, e em tudo o que puseres a tua mão." (Dt. 28.8).

9
JOSÉ FOGE DO PECADO

A primeira menção do aspecto físico de José só nos é revelado em Gn 39.6. "E José era formoso de parecer, e formoso à vista." Até aqui. a Bíblia só havia se preocupado do aspecto espiritual de José. Afinal. Deus se interessa primeiramente no caráter da pessoa, deixando o lado estético em segundo plano. Deus é o que "olha para o abatido de espírito e o que treme diante de sua Palavra" (Is 66.2). José, além das qualidades morais e espirituais, era formoso de parecer e formoso à vista. E a sua formosura custou-lhe um preço alto.

A confiança de Potifar fazia com que toda a sua casa fosse gerida pelo mordomo José. Com exceção da mulher de Potifar. José tinha acesso a todos os negócios de seu senhor. Não há relato na Palavra de Deus sobre a beleza da mulher de Potifar, porém podemos concordar que se tratava de mulher bem apessoada e instruída na educação que era própria de uma mulher de capitão do palácio real, e com o passar dos dias, essa mulher teve um desejo sensual a respeito do mordomo José. Usando as mesmas palavras do texto: "Desejou deitar-se com José." (Gn 39.7). Não haviam ainda sido escritas as recomendações dos Provérbios, mas no coração de José havia um forte temor de Deus. As mensagens a respeito da santidade de Deus já haviam adentrado seu coração mediante a educação de seu pai Jacó e da piedosa mãe Raquel. A tentadora mulher de Potifar arrumou todos os argumentos possíveis para levar José ao pecado. Os detalhes são tão importantes no relato bíblico que vale a pena observá-los. Gn 39.10 - diz-nos que a tentação era dia a dia, ou seja, diária e constante: "E aconteceu que, falando ela cada dia a José, e não lhe dando ele ouvidos para deitar-se com ela, estar com ela". Não dava sossego, pois na sua persistência achava que levaria avante seu intento diabólico, mas José venceu com a fé viva que manava seu coração. Faz-nos pensar que nosso adversário também tenta diariamente os filhos de Deus, "porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite" (Ap 12.10), e que precisamos vencê-lo dia a dia. Ninguém tem reservas para vencer o tentador senão a cada dia encher-se da graça e acobertar-se no sangue de Cristo, nosso advogado pessoal e glorioso. I Jo 1.7 - "Mas se andarmos na luz. como Ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado."

José deixa para os homens de todas as épocas e lugares uma lição da maior envergadura: FUGIR. Estas são as cinco letras que podem influir, decisivamente, no destino de um homem, quando enfrenta as mesmas investidas de José. Aproveitando um momento em que todos da casa tinham saído, a mulher tentadora pega a José pelo vestido, mas José empreende fuga e mais uma vez triunfa sobre o mal.

Escapou de pecar contra o Senhor seu Deus e contra seu patrão Potifar, porque José era temente e senhor de si mesmo, na medida que foi capaz de subjugar seus apetites e paixões. Era um jovem dotado de energia na sua vida espiritual. Apesar de sua grandeza e imponência, o rei Davi não conseguiu o feito de José, pois tempos depois passou amarga experiência, deixando que os apetites e paixões carnais dominassem um momento de sua vida. Vale sempre lembrar as considerações do apóstolo Paulo quando disse: "Todas as coisas foram escritas para o nosso ensino, Para que pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança" (Rm 15.4).

Faremos uma pausa para pensar como Deus, às vezes, permite que problemas maiores venham sobrepor à nossa tão dura prova. Já estava José desprezado por seus irmãos, vendido aos traficantes de escravos, revendido a Potifar, e agora, justamente

nessa crise, advém a tentação dessa "senhora" ! Potifar, o senhor da casa, chega e vai ouvir o história forjada pela própria esposa. Testemunhas falsas são arroladas no comentário maligno da mulher. Potifar tinha muita confiança em José, mas o assunto era delicado para ficar sem uma solução rápida. Potifar precisava manter as aparências de um casamento em declínio. Como acontece desde os primeiros pais, alguém tem que pagar o preço da calúnia. Tem que "sobrar" para alguém e esse alguém é José, o único que sabe tirar forças da fraqueza. José, sem qualquer oportunidade de dar uma satisfação a seu senhor, é levado, injustamente, ao cárcere da casa real. É difícil entendermos os caminhos da nossa vida, mas Deus está no controle da situação. José sabia que Jeová está no trono e quando confiamos assim, sempre há uma luz no fim do túnel. Não fosse a mão de Deus. José teria sido morto. A acusação daquela mulher, fosse verdade, levaria José à guilhotina. Mais uma vez Deus preserva a vida de seu servo, pois uma acusação gravíssima daquela onde o mordomo de um capitão egípcio pratica uma tentativa de adultério, a sentença seria a pena de morte.

Há momentos em nossa vida que os fatos não admitem explicação. Assim também são os milagres de Deus: Eles não têm explicação. A versão apresentada pela mulher a Potifar era a mais mentirosa possível, mas quem era José para explicar? Não há relato na Bíblia de que fosse dado a José o direito de ampla defesa. Não teve ele advogado, nem se submeteu a algum tribunal. A sentença foi rápida: pena de prisão no palácio real. São esses os momentos em que é melhor confiarmos inteiramente em Deus do que justificarmos diante dos ímpios a nossa conduta de fé e obediência plena ao nosso Senhor. A vida de vitória sobre a tentação e a nossa fidelidade inteira a Deus nem sempre resultam em recompensa imediata. Muitas vezes, da mesma maneira que José, sofremos por causa de nossa retidão e nossa integridade aos preceitos bíblicos. No Novo Testamento, o Senhor Jesus deixou bem claro que haveria perseguições àqueles que o seguissem, mas asseverou : "'Bem-aventurados sois vós. quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque e grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós." (Mt 5.11,12)

Potifar tinha José em grande consideração e certamente duvidando do fato. resolveu entregar seu mordomo ao presídio da casa real. Mais uma vez Deus intervém a favor de seu servo fiel. José deixa o conforto da casa de seu senhor Potifar e é conduzido à prisão, onde passará alguns anos. Mais uma vez o encontraremos tirando forças da fraqueza e ensinando-nos que " a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não vêem" (Hb 11.1).

10
JOSÉ LEVADO AO CÁRCERE

A sedutora mulher de Potifar, com as marcas da sua sensualidade, continuou sua vida de esposa do capitão da guarda real. Nunca mais se apagou daquela mente pecadora o fato de haver provocado, injustamente, a prisão do mordomo José, causa da bênção daquela família. Como ficou desolada aquela casa sem a presença daquele empregado tão valoroso! De uma coisa temos muita certeza: a bênção foi embora com José. A Bíblia relata que a bênção acompanha o homem fiel e nunca o homem que acompanha a bênção. "E estas bênçãos te alcançarão, quando ouvires a voz do senhor teu Deus." (Dt. 28.2). Por causa da imputação do crime de calúnia. José é remetido à penitenciária do palácio de Faraó. Ainda hoje, vemos Deus transformando em bênçãos nossas dores, injúrias e afrontas. A única exigência é tão somente deixarmos que Ele seja o condutor de nossas vidas.

Façamos uma pausa para analisar o impacto da chegada de José no cárcere. Algemado pelos grilhões tão apropriados à época. José é apresentado ao chefe da guarda da prisão. Criou-se um burburinho entre os carcereiros e os demais presos a respeito do delito de José para que fosse entregue àquele estabelecimento prisional. Que teria feito José? Que acusação pesa sobre esse moço? Um preso perguntava ao outro: "O que fez esse rapaz ?" Ao fornecer seus dados para o seu cadastro de prisioneiro. José não teve explicação plausível para anotar em seu prontuário. Se ele mesmo pudesse fazer as anotações de praxe, escreveria: "Preso por ser portador de bênçãos de Deus, por ter um sonho...."

Mas a benignidade de Deus estava sobre ele e achou graça aos olhos do chefe da carceragem. José já ganhou cargo de liderança naquele lugar. Era o homem do sonho dos molhos, dos feixes, do Sol. da Lua. das estrelas, etc... Até na cadeia José é lider. Vale a pena sonhar quando Deus faz parte do sonho. Era costume daqueles tempos submeter o presidiário, recém-chegado, à leitura de um escrito na parede da prisão para avaliar seu grau de instrução. José passa com nota dez. Sabia ler, escrever, interpretava sonhos, conhecia alguma coisa de primeiros socorros, etc... Lembram-se da túnica de várias cores ? José tinha diversidade de ministérios. A presença de José impactou a famosa prisão palaciana. O cárcere da corte de Faraó nunca mais foi o mesmo depois da chegada de José. O homem portador da bênção de Deus está direcionado a produzir bênção onde chega, quer queiram ou não. Do mesmo modo que Potifar experimentou as bênçãos de Deus com a presença de José. o cárcere era próspero por causa da vida de José. O novo preso não era um problema a mais. Era um problema a menos e uma solução a mais naquele lugar. José não era causa de superpopulação carcerária, mas um tipo de preso "faz-de-tudo". Sem nada dever, pois estava ali por injustiça. José consolava seus companheiros de cela, que pagavam suas duras penas. Aplicava seus conhecimentos curativos em socorro dos enfermos. Interpretava sonhos de colegas. José era o preso que todos queriam como companheiro. O carcereiro-mor descansou desde a chegada de José. pois entregou tudo nas mãos de José. A cadeia teve paz. Deus estava com José e tudo o que ele fazia, o Senhor prosperava. "E o carcereiro-mor não teve cuidado de nenhuma coisa que estava na mão dele. porquanto o Senhor estava com ele. e tudo o que ele fazia o Senhor prosperava" (Gn. 39.23).

Se você deixar o senhor abertar à mediação desse episódio na vida de José, poderemos avaliar que, vez por outras, Podemos passar pelos meandros de nosso personagem. Duvido que você nunca tenha sido injustiçado na sua vida profissional, familiar e outros. Essas injustiças são as causas do cárcere do sofrimento interior e as

mágoas afloram, porém, vemos que o coração de José não parecia magoado, não há relato de descontentamento, pois esperava no Senhor. Deus ainda tem seus "Josés" e pode, perfeitamente, transformar as injustiças de um filho seu em torrentes de bênçãos que perdurarão pela eternidade.

A prisão de José aconteceu depois de alguns anos de estada no Egito. Já tinha trabalhado algum tempo para Potifar, vez que ganhara a plena confiança de seu senhor. Não é de supor que Potifar tenha entregue toda a administração de sua casa enquanto José era ainda muito moço. Os melhores historiadores afirmam que José, quando foi levado à prisão palaciana, em razão da calúnia da mulher de Potifar, teria aproximadamente 25 anos de idade. Ao ser vendido por seus irmãos, José tinha 17 anos. Foi aí que se deu seu vestibular para a grande faculdade de Deus. Agora, com 25 anos de idade. José "gradua-se no curso" escolhido por Deus e adentra aos portais do cárcere, dando início ao mestrado, pós-graduação e doutorado. Aos 30 anos, torna-se Governador do Egito. Sua defesa de tese foi a interpretação do sonho de Faraó. A realização de um sonho de Deus tem sempre um caminho a percorrer. José formou-se na Faculdade da provação de Deus e de lá saiu com nota máxima e menção honrosa. A aprovação de José na escola de Deus foi observada, aplaudida e reverenciada por toda a população do Egito e, posteriormente, pelas gentes de todas as nações daquele tempo.

Apesar de passar árduos anos na cadeia, José tinha a presença benévola e complacente do Senhor. Em meio às ansiedades do nosso cotidiano, somente a presença de Deus traz uma brisa suave para cada servo dele.

A liderança de José era fruto de sua visão. O homem é do tamanho de sua visão. Para ser líder, mordomo abençoado, governador do Egito. José precisa ser líder até no cárcere. Aqui encontramos a real diferença entre o chefe e o líder. O chefe é forjado nas manobras e criando situações. O líder nasce feito. Nos meandros das covas, das celas frias, nas injúrias, na muita paciência, nas aflições, nas angústias, nos açoites, na pureza, na longanimidade, formam-se os verdadeiros homens que Deus usa na sua Obra, (II Co 6.4-10).

Podemos acreditar que José, em conseqüência das provações que lhe sobrevieram, do desamparo a que foi submetido pelos seus, foi amplamente atraído para o conforto em Deus, seu único recurso. Há momentos em que o Salmo 121 torna-se real em nossa vida: " De onde me virá o socorro ? O meu socorro vem do Senhor que fez o céu e a terra." Assim, aqueles males contribuíram para o aperfeiçoamento de seu caráter espiritual.

José venceu porque era homem de fé. O escritor aos Hebreus inclui José na galeria dos heróis da fé. "Pela fé José, próximo da morte, fez menção da saída dos filhos de Israel...," (Hb 11.22). Somente tirando forças da fraqueza, o servo de Deus triunfa em meio às adversidades. Em razão de sua fé, mesmo preso em cadeia, José estava sereno e amparado em Deus. Apesar dos sofrimentos, era capaz de ocupar-se com os outros. Vejamos os escritos nos Salmos: "Mandou perante eles um varão, que foi vendido por escravo: José, cujos pés apertaram com grilhões e a quem puseram em ferros; até ao tempo em que chegou a sua Palavra; a Palavra do Senhor o provou." (Salmo 105.17-19).

A título de ilustração sobre a maneira como Deus pode usar um jovem para a grandeza de sua Obra, tal como fez com José, vejamos o que aconteceu com Moody: "Com 17 anos, Moody deixou seu lar. Numa grande cidade, longe da influência materna, buscou a igreja, pois que sua mãe o encaminhara, em sua infância. Um dia, ouviu o pregador dizer: "O mundo ainda está para ver o que Deus pode fazer com um homem inteiramente consagrado a Ele". E Moody pensou: " Não disse um grande homem, sábio ou instruido...somente um homem. Farei tudo quanto estiver ao meu

alcance para tornar-me este homem." Viveu, então, com o firme propósito de demonstrar ao mundo o que Deus pode fazer com um homem totalmente entregue a Ele.

Tornou-se um pregador maravilhoso, pregou a trinta e até quarenta mil pessoas de uma só vez. Calcula-se, seguramente, que levou 500 mil almas aos pés do Salvador."

O caminho de aprovação de Deus é feito de resignação e total entrega a Ele. Deus incumbe-se do resto. Só Ele sabe transformar em forças as nossas fraquezas. Veja o que disse o apóstolo Paulo após ser consolado por Deus acerca da abundante graça, cujo poder aperfeiçoa na fraqueza: "De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. Porque quando estou fraco, então sou forte," (II Cor. 12.9,10).

11
A SOBERANIA DE DEUS NA VIDA DE JOSÉ

Alguém já disse que "'Deus escreve certo por linhas tortas", porém tal afirmativa não coaduna com as páginas da Escritura. Na verdade. Deus escreve certo, por linhas certas, através de homens certos, na hora certa e no lugar certo. Deus conduz os acontecimentos pela grandeza do seu Poder e magnificência de sua Glória. Ele é soberano em suas atitudes

Dois servidores de Faraó são levados à mesma prisão onde estava José, a fim de pagar suas penas. O copeiro-mor e o padeiro-mor tinham provocado a indignação do rei egípcio e foram entregues no mesmo lugar onde José passava parte de sua prova. O fato de ambos serem encaminhados à mesma prisão onde José estava, é bastante singular. Não sabemos claramente que delito estes serviçais de Faraó haviam cometido. O capitão da guarda entregou esses dois homens, acostumados a prestar serviços de alimentação, para que servissem a José. Observe que se tratava de dois chefes da cozinha real. Talvez você diga que houve uma coincidência, mas é a mais pura prova da providência do Altíssimo. Deus sempre cuida dos detalhes visando a mostrar sua glória em dias futuros. Deus é detalhista com seus negócios. Basta nos lembrarmos da obra da criação relatada no Gênesis, a descrição dos materiais e a forma do tabernáculo, a planta do templo de Salomão e o nascimento de Jesus com toda a riqueza de pormenores, visando a cumprir a Palavra. "Mas vindo a plenitude dos tempos. Deus enviou seu Filho...." (Gal. 4.4). Algum tempo, o copeiro e o padeiro passaram servindo no cárcere. José, na qualidade de líder daqueles presos, podia desfrutar de ouvir suas experiências da corte real, e assim saber todo o procedimento e o cerimonial da casa de Faraó. Era para o palácio real que Deus estava encaminhando José e de bom alvitre a presença daqueles presos dava condições ao futuro governador de saber, antecipadamente, como era o ambiente da corte. Se você desejar ver algo mais da providência singular de Deus, observe que a profissão daqueles presos, companheiros de José, era a de copeiro e padeiro, profissões que representam a alimentação, a provisão, o sustento. Eles estavam acostumados a servir na mão do rei Faraó e agora servem a José. Textualmente, diz a Bíblia que o capitão da guarda os colocou para que servissem a José. "E o capitão da guarda pô-los a cargo de José, para que o servisse; e estiveram muitos dias na prisão" (Gn 40.4). Afinal, o nome de José significa "O Senhor aumenta". "O Senhor acrescenta". Nunca é de mais sermos alimentados pelo pão vivo do céu (padeiro) e pela água da vida que se converte em rios de água viva (copeiro). Para que fique bem esclarecido que Deus é o Deus da Providência, o “Jeová-Jireh", eis que numa mesma noite, tanto o copeiro como o padeiro tiveram sonhos semelhantes. Ao amanhecer, nada contaram a José, mas José notou que seus semblantes estavam tristes. José exalta a grandeza e magnificência de Deus. ao dizer a eles que somente o Senhor Deus poderia dar uma interpretação segura daqueles sonhos. Desafia-os a contar-lhe os sonhos. Após ouvi-los, José dá a interpretação e proclama: Dentro de três dias. o copeiro será restituído ao seu estado anterior, voltará a servir o copo na mão de Faraó. O padeiro, por sua vez, recebe uma mensagem amarga: Faraó mandará matá-lo dentro de três dias. Os fatos realmente ocorreram, segundo a predição de José.

Ao despedir-se do copeiro que já ganhava a liberdade e voltava para o palácio, José faz-lhe um pedido comovente: "Porém, lembra-te de mim, quando te for bem: e rogo-te que uses comigo de compaixão, e que faças menção de mim a Faraó, e faze-me sair desta casa" (Gn 40.14). Uma solicitação própria para aquele momento de despedida: que se lembrasse dele, que fizesse menção dele a Faraó, visando a sua

soltura daquele presídio. Explicou ao copeiro que foi roubado da terra dos hebreus e que estava naquele cárcere sem nada dever.

Três dias após os sonhos, era o aniversário de Faraó. Urn banquete foi oferecido no palácio real. Naquele dia o que José predisse, interpretando os sonhos, aconteceu. O padeiro foi enforcado e o copeiro voltou a servir Faraó. Quando deparamos com esse banquete de aniversário, lembramo-nos que João Batista foi decapitado justamente no dia em que Herodes aniversariara. Roguemos sempre ao Senhor, nosso Deus, que nas nossas datas natalícias, possamos ser instrumentos de bênçãos e de vida àqueles que nos cercam.

Dias e meses se passaram. O copeiro servia alegremente Faraó, porém esqueceu-se de José. "O copeiro-mor, porém, não se lembrou de José, antes, esqueceu-se dele," (Gn 40.23). Fica bem claro nessa atitude do copeiro que, costumeiramente, só somos lembrados por nosso semelhante quando ele está bem perto de nós e compartilha de nossa ansiedade, de nosso sofrimento. Ao ficarmos distantes de quem se identificou com nossa dor, logo somos esquecidos. Foi assim com o copeiro em relação a José. Dois longos anos se passaram e nunca o copeiro "tocou no assunto'" a respeito de José quando servia Faraó.

O esquecimento do copeiro parece ter sido de propósito na presciência divina, pois, no tempo certo, ele lembrou-se de José. Duas lições podemos aprender desse episódio: 1) Com referência ao plano de Deus para nossas vidas, nunca e bom confiarmos em pessoas para que se lembrem de nós, como se o propósito do Senhor dependesse da memória de terceiros para ser realizado. O copeiro esqueceu, mas Deus nunca esquece. "Pode uma mulher esquecer-se tanto de seu filho que cria. que se não compadeça dele, do filho de seu ventre? Mas ainda que esta se esquecesse, eu, todavia, não me esquecerei de ti" (Is. 49.15). A Bíblia diz, textualmente, que o copeiro ficou esquecido de José por dois anos.

Caso tivesse a oportunidade de servir Faraó, uma vez por dia, teve mais de 700 oportunidades de falar com Faraó a respeito de José. 2) O copeiro só se lembrou de José quando Faraó teve aquele sonho em duplicata a respeito da fartura e fome que haveria de ocorrer na terra. É notório que o sonho de Faraó foi da parte de Deus, logo foi Deus quem interveio para que José fosse lembrado. Convido você, leitor, a refletir em deixarmos que o soberano Deus seja o mentor e executor de seus planos para cada um de nós. "Do homem, são as preparações do coração, mas do Senhor a resposta da boca" (Pv. 16.1).

12
OS SONHOS DE FARAÓ

O sonho de Faraó, onde são mencionadas sete vacas gordas e sete vacas magras, sete espigas cheias e sete espigas miúdas, causou o maior burburinho na corte egípcia. "E aconteceu que, pela manhã, o espírito de Faraó perturbou-se. e enviou e chamou todos os adivinhadores do Egito e todos os seus sábios; e Faraó contou-lhes os seus sonhos, mas ninguém havia que os interpretasse a Faraó" (Gn 41.8). Foram convocados todos os sábios, adivinhadores, astrólogos, entendidos, perante a presença do rei, que lhes contou em detalhes os sonhos que tanto o perturbavam. Ouviram, pormenorizadamente, mas nenhum deles ousou interpretar com segurança os sonhos do rei. Vale dizer que esses convocados eram assalariados do palácio e nada puderam fazer que agradasse a Faraó. Deviam uma explicação ao rei, mas não podiam forjar uma interpretação qualquer, pois poderia custar-lhes a própria vida. Diz-nos a Bíblia que " desde a antigüidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu, um Deus além de ti, que trabalhe para aquele que nele espera" (Is. 64.4). Deus trabalha em silêncio.

Aqueles homens, assalariados do rei, nunca poderiam interpretar os sonhos, pois Deus estava no comando da situação e foi Ele mesmo quem deu os sonhos a Faraó. E muito bom que Deus sempre esteja com o leme de nossas vidas em suas mãos. A situação era tensa no palácio, vez que Faraó precisava urgentemente de uma explicação àqueles sonhos tão interessantes e ao mesmo tempo inquietantes; vez que, em ambos os sonhos, primeiramente, via-se a abundância e, em seguida, a escassez. Nesse momento, entra o copeiro diante do rei, o grande Faraó. Chegou a hora certa do agir de Deus para com a vida do prisioneiro José. Faraó toma conhecimento, através de seu copeiro, antigo colega de cárcere de José, de que na cadeia pública do palácio real tem um recluso que tem, da parte de Deus, a capacidade de interpretar sonhos. O copeiro conta a Faraó sobre José e dá as referências do moço: ex-mordomo de Potifar, hebreu de família ilustre e hábil para interpretar sonhos. Logo José será introduzido na presença do rei. Faraó ordena que tragam imediatamente José para uma conversa acerca dos sonhos. Na grande maioria das vezes, as bênçãos podem estar em lugares difíceis e de tribulação. " Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós" (II Cor. 4.7). Para Faraó e seu povo, a bênção estava no escuro cárcere. De posse da ordem, do alvará de soltura para uma liberdade provisória, os agentes chegam ao cárcere e solicitam do capitão da guarda que José seja solto por algum tempo a fim de avistar-se com o rei Faraó. Para os guardas era apenas uma liberdade repentina, mas, para Deus, de José, era o livramento incondicional.

O encarcerado sai da cela da prisão, troca o uniforme de presidiário por vestidos novos, e após barbear-se, é apresentado a Faraó. Que momento lindo aquele! Um preso, estrangeiro, recolhido por uma acusação inverídica, sem submeter-se a processo legal, entra na sala de audiências de Faraó. Permanece em pé diante do trono de Sua Majestade. O rei questiona os agentes para ter a certeza de que veio o preso certo. Diante da afirmativa, pergunta a José: "É verdade que você interpreta sonhos, porque tive um sonho e não consegui alguém que possa interpretá-lo?" José responde, com a mesma convicção que traz na sua alma desde quando interpretou os sonhos do copeiro e do padeiro: "Isso de interpretar sonhos, não está em mim. É Deus quem dará resposta de paz a Faraó." Tiremos algumas lições da sábia resposta de José. Primeiramente, ele dá a glória devida a Deus. Não avoca para si a grandeza de possuir o dom, mas glorifica a Deus que dá a quem Ele desejar. José sabia que o dom é propriedade de Deus e não um

dom de sua propriedade. Em segundo lugar, abre o coração de Faraó, mostrando segurança na interpretação que dará e promete a Faraó que a resposta que traz ao rei será uma resposta de paz. Ainda que fosse um encarcerado de muitos anos, vendido, desprezado, caluniado, humilhado, podia possuir e transmitir uma paz indizível que vinha do alto a quem dela necessitasse.

A fé que José demonstrou possuir em Deus e confessada ali publicamente, poderia ter-lhe custado a própria vida, uma vez que Faraó considerava-se um "deus" e José falava especificamente do Deus de Abraão, e de Isaque, e de seu pai Jacó. Havia autoridade nas palavras de José.

José ouve calmamente o sonho de Faraó e passa a interpretá-lo de uma forma que vale a pena meditar. "O sonho de Faraó é um só; o que Deus há de fazer notificou a Faraó," (Gn 41.25). Deus há de fazer uma coisa na terra e resolveu cientificar a Faraó. Serão sete anos de fartura seguidos por sete anos de gravíssima fome. José diz que o sonho foi duplicado, porque trata-se de coisa determinada por Deus e Deus tem pressa em fazê-la. Começa aqui o momento em que José tem sua cabeça levantada por Deus para o cumprimento de um propósito inicial. Os seus sonhos de adolescente tornar-se-ão realidade a partir de agora. Podem apagar qualquer marca de um homem, mas não se pode apagar seus sonhos. A palavra do Salmo 113 é bem própria para a situação: " Quem é como o Senhor nosso Deus. que do pó levanta o pequeno, e do monturo ergue o necessitado, para fazê-lo assentar com os príncipes...."

13
A TROCA DO CÁRCERE PELO PALÁCIO

Os últimos passos da caminhada da cova ao palácio estavam sendo confirmados na vida de José. Faraó ficou impressionado com a narrativa de José. Estava revoltado com os magos e ocultistas do seu palácio real, pagos pelo erário público, que não puderam interpretar seus sonhos. As palavras de Paulo aos romanos descrevem bem a situação a que Deus elevou seu servo José: "Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes. E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são para aniquilar as que são. para que nenhuma carne se glorie perante Ele" (I Cor 1.27-29). Diante de si. Faraó tem um estrangeiro, um hebreu, um recém-liberto da prisão. O rei egípcio percebeu que José não era um mero visionário, mas um moço cheio da plenitude do Espírito de Deus.

Após a interpretação. José toma a liberdade de dar uma sugestão a Faraó: Que o rei se proveja de um homem entendido e sábio, um qualificado administrador de empresas, um renomado economista do reino egípcio, para que seja colocado sobre toda a terra do Egito e que durante os sete anos de fartura, construa armazéns e que 20 por cento da colheita seja guardada debaixo da mão de Faraó para, posteriormente, enfrentar a grande fome representada pelas sete vacas magras e pelas espigas miúdas. O rei precisava de alguém que interpretasse seu sonho, mas a explanação de José, o presidiário hebreu, foi além de sua expectativa. José interpreta o sonho e dá a receita para vencer os momentos de dificuldade que virão. Faz-nos recordar da túnica de várias cores e da diversidade de dons que o Espírito Santo tem ministrado sobre a Igreja no decorrer dos séculos. Tanto Faraó, quanto os que presenciaram a audiência, ficaram maravilhados com a segurança das palavras de José.

José era um sábio administrador e competente para aconselhar o rei. Deu provas disso ao administrar a casa de Potifar e liderar o presídio palaciano. O mesmo preso que horas antes jazia no cárcere é o que dá instruções a Faraó para uma situação emergente do reino. Um assunto que usualmente precisava de uma longa reunião de todo o ministério do reino egípcio. José resolveu em poucos minutos. Esse homem, que agora somava 30 anos de idade, tinha aprendido a confiar em Deus para a realização de seus sonhos. Sabia tirar tocas da fraqueza. Podemos crer que a secreta comunhão de José com Deus. na adversidade, o tenha capacitado a enfrentar as muitas provações da vida.

Antes de comentarmos a elevação de José, lembremo-nos que a presença de José no palácio, falando acerca do Deus de Abraão, e de Isaque, e de Jacó veio trazer seu testemunho de fé no meio daquela corte paga. Através de José. Deus desmascarou os astrólogos, sábios e adivinhadores do Egito. O que eles não puderam fazer. Deus fez através de seu servo.

Quando José saiu do cárcere para entrevistar-se com Faraó, alguns presos, certamente, teceram comentários acerca da vida pregressa de José. Lembraram-se das suas ações visando ao bem comum daquele estabelecimento, a graça de Deus que dominava a vida daquele jovem. Perguntaram entre si: "O que Faraó quer com esse preso José?" José, porém, sabia que Deus estava agindo em seu favor. Com vestidos novos, barba aparada, despediu-se do cárcere. Foi a último dia daquele sofrimento desde que fora vendido por seus irmãos e caluniado pela mulher de Potifar. Era a despedida da prisão para cumprir-se, na sua plenitude, a visão que Deus lhe dera ainda em Canaã.

José termina a exposição diante do rei, quando Faraó convida seus próprios súditos a pensar se teriam no reino do Egito alguém com capacidade para executar

aquele plano de salvação proposto por José, evitando a fome na terra. Antes que alguém respondesse. Faraó, sem rodeios, admite: "Não temos um varão como José em quem haja o Espírito de Deus, pois Deus lhe fez saber tudo isto e ninguém há sábio e entendido como ele" (Gn 4F38). Não houve reclamação de nenhum daqueles servos sobre as palavras do rei, ninguém contestou que o rei tivesse colocando José em posição de destaque em detrimento dos auxiliares diretos do palácio. Nenhum ministro imediato de Faraó avocou para si o novo cargo que se criava no reino. Quando Deus resolve executar sua vontade, não há como levantar-se desfavoravelmente. " Ainda antes que houvesse dia. eu sou; e ninguém há que possa fazer escapar das minhas mãos: operando eu. quem impedirá" (Is. 43.13).

Esse é modo de Deus tratar com aqueles que sofrem e padecem aflições. "A benignidade de Deus leva ao arrependimento" (Rm 2.4). "Quão preciosa é, ó Deus, a tua benignidade, e por isso os filhos dos homens se abrigam à sombra das tuas asas1' (SI. 36.7). A humildade é tudo na vida do cristão. Se permanecermos humildes e confiantes no Senhor, mesmo injustiçados, conforme aconteceu com José, no tempo certo. Deus nos dará a vitória. Nunca é demais lembrar que a provação na vida de qualquer servo de Deus, vem na medida certa. A provação é do tamanho de sua capacidade de suportar. "...Mas fiel é Deus. que vos não deixará tentar acima do que podeis; antes, com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar" (I Co 10.13b). Jó, o patriarca pregado em verso e prosa em todos os tempos da cristandade, é o exemplo de como um homem pode ser provado e aprovado diante de Deus.

Começa a virar o cativeiro de José. Num mesmo dia, é elevado de preso a governador do Egito. De manhã, é um detento da prisão e à tarde, é Governador de um grande país. Só Deus sabe fazer coisas assim. Faraó tira o anel de sua mão e o põe na mão de José. Os vestidos do cárcere não servem mais. José veste-se de vestidos de linho fino. Um colar de ouro é colocado no pescoço de José. Era a mudança brusca que acontecia na vida do filho de Jacó. Em troca das algemas que, muitas vezes, prenderam as mãos de José (conduzido escravo ao Egito, da casa de Potifar ao cárcere), agora é um anel de ouro, usado pelo próprio Faraó. Em lugar daquele uniforme surrado da prisão, com a inscrição de seu número e de seu delito, agora Faraó dá-lhe um vestido novo de linho fino. Talvez José tenha lembrado do momento angustiante em que a túnica lhe fora tomada por seus irmãos. Como havia sido pública a doação da túnica, assim foi pública a doação dos vestidos de Faraó ao jovem José. Ontem, seus irmãos foram testemunhas do ato, agora, os membros da corte do Egito. Havia agora uma compensação da parte de Deus. Estava vestido de linho fino e a unção de Deus estava sobre ele. Quantas vezes seu pescoço foi alvo dos grilhões do cárcere, mas agora é adornado com um colar de ouro. Vale a pena vencer as provas para receber de Deus a recompensa. O apóstolo Paulo, na segunda Carta aos Coríntios, dá-nos um retrato das honras do vencedor: " Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia, porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente" (II Co 4.16,17).

O texto das Sagradas Escrituras não fornecem subsídios acerca da continuidade da vida de Potifar e de sua esposa, mas face ao relativo espaço de tempo entre a prisão de José e sua designação para governador do Egito, podemos supor que Potifar e sua mulher tenham assistido à elevação de José. Houve uma recompensa para o mordomo injustiçado. Não há maior prêmio que ser declarado inocente. Jesus, apesar da cruciante morte, recebeu o título de justo por parte da esposa de Pilatos, pelo próprio Pilatos e pelo centurião encarregado da soldadesca no dia da crucificado: "Na verdade, esse homem era justo" (Lc. 23.47).

José, por causa de seus sonhos da adolescência, jamais se esqueceu de que a

escolha para Governador do Egito proveio de Deus. Sabia que não tinha nenhuma condição para sair dos pastos de Siquém para o trono egípcio, mas que tudo o que lhe ocorrera era a realização da soberania de Deus. O Senhor age sempre como melhor lhe aprouver, independentemente de nosso auxílio intelectual.

Faraó ordenou que se adornasse o segundo carro da corte para que José fizesse um desfile em carro aberto pelas ruas. O mesmo José, que horas antes, jazia no piso frio da cadeia palaciana, agora está sobre o carro de honra. Todos ajoelham diante de José. A população da capital do reino reverencia o governador nomeado. Faraó acrescenta: "'Ninguém levanta a mão ou o pé. em toda a terra do Egito, sem o consentimento de José." Toda a humilhação vivida desde a separação dos irmãos, estava agora sendo recompensada pela reverência dos súditos de Faraó. Esta alteração rápida na vida de José explica como as coisas de Deus ocorrem de repente, porém, após muitos dias de perseverança e fé em Deus. Lembre-se de que. após dez dias de oração contínua, de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam reunidos....E todos foram cheios do Espírito Santo...." (At 2.2.4). Quando Deus age, as coisas acontecem de repente.

A guisa de informação e edificação de fé do leitor, observamos que, no momento da triste atitude dos irmãos de José ao vendê-lo aos mercadores, José tinha 17 anos de idade (Gn 37.2) e ao apresentar-se diante de Faraó, tinha 30 anos de idade (Gn 41.46). Treze anos se passaram, mas não abateram a fé de José. Ele também e um dos heróis da fé (Hb 11.22). Glorifiquemos a Deus, que é exímio cumpridor de suas promessas. "Para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos a firme consolação, nós. os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta" (Hb 6.18.19).

14
JOSÉ GOVERNA O EGITO

Não mais ocuparemos espaço para falar do José encarcerado, do José na cova. mas de José Governador, um homem ocupado no palácio. Já fazia parte da tradição a troca do nome das pessoas, visando a identificá-las com a língua local e com as circunstâncias do momento. O nome que Jacó havia dado ao seu décimo primeiro filho deveria ser substituído agora na corte. Faraó passa a chamar José de "Zafenate-Panéia" que, na língua egípcia, é "o salvador do mundo". Para Deus, que acompanhou toda a caminhada de fidelidade de seu servo, o significado do nome José persiste o mesmo: “0 Senhor acrescenta."

Com a autoridade que lhe é conferida, José passa a inspecionar toda a terra do Egito e, naqueles sete anos, houve fartura a mãos cheias, ajuntando todo o mantimento para enfrentar a fome que viria a seguir.

Até o casamento de José foi providenciado por Faraó. Asenate, uma jovem, filha de Potífera, sacerdote de Heliópolis, é dada por esposa a José. Desse casamento, nascem a José dois filhos: Manasses e Efraim. Estes nomes são hebraicos e dão-nos a prova de que José mantinha firme a sua convicção no Deus vivo de Israel e não havia se contaminado com a influência da religião egípcia. Vale salientar que esses meninos nasceram ainda no tempo da fartura. O nascimento desses filhos tem um significado especial e de grande valor na vida de José. Manasses, significa "esquecer" e através do nascimento desse filho, José estava disposto a esquecer todas as provas, humilhações, escravidão e calúnias até então sofridas para levantar-se num novo tempo preparado por Deus. Manasses fala de um novo amanhecer na vida do crente. A prosperidade vivida por José e manifestada no nome de seu filho Manasses, o fazia esquecer das aflições passadas. A vida de qualquer cristão precisa de um "Manasses". Às vezes, a vitória só acontece em nossa vida quando recebemos um "Manasses". Esquecer o passado, apagando as raízes de amargura, não ter medo do futuro e viver o presente para a glória de Deus, é a chave do sucesso em qualquer atividade para a qual fomos incumbidos de realizar. Mais uma vez, adotamos as palavras do apóstolo Paulo que. escrevendo aos Filipenses, diz-nos: "....uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Fp. 3.13,14). Manasses simboliza o novo nascimento na vida de um homem, quando "se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (II Cor. 5.17). O nascimento de Efraim dá-nos uma visão da vida espiritual abundante que José gozava no reino de Faraó. O significado do nome Efraim é "duplamente frutífero", "crescer". José assim se expressou quando Efraim nasceu: "Deus me fez crescer na terra da minha aflição". Quantas vezes oramos insistentemente para nos livrarmos de aflições, de tribulações, de provas em nossas vidas, mas é exatamente nesses períodos angustiosos que Deus nos faz crescer para uma vida vitoriosa. Lembremo-nos da admoestação paulina: "...E nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência" (Rm 5.3). Queiramos ou não, o preço da paciência é vencer na tribulação. Os dois passos na vida espiritual de qualquer um de nós está nos dois significados dos filhos de José: Esquecer o passado e crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. (II Pe 3.18).

Os anos da fartura chegaram ao fim. É interessante notar que já estando empossado Governador e com todas as honras do cargo. José não comunicasse a seu pai e seus irmãos sobre o ocorrido. Deus é especial em contar com homens certos, nas horas

certas, para propósitos seus. Talvez a distância e a dificuldade de comunicação impedisse de seus irmãos tomarem conhecimento de que havia um hebreu no governo da despensa do reino egípcio. O mais correto é crermos que José, mesmo dispondo de meios de enviar emissários à casa de seu pai, comunicando a novidade, preferiu esperar por um momento adequado quando sabia que seus próprios irmãos desceriam ao Egito para comprar trigo. Afinal, quem esperou 13 anos, enfrentando as mais duras provações, aprende a esperar sempre na soberania de Deus. Aprendamos com José que esperar em Deus é uma virtude e não uma fraqueza. "Esperei com paciência no Senhor, e Ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor" (Sl. 40.1).

Havia fome em todas as nações circunvizinhas. mas no Egito existia pão com abundância. A estratégia de José, na sábia orientação de Deus. foi coroada de êxito. Os povos corriam a Faraó, clamando por comida, mas o rei orientava a todos com as expressivas palavras: "Ide a José e fazei o que ele vos disser," (Gn 41.55). Lembra-nos o milagre em Caná da Galiléia, quando Maria disse aos serventes da festa: "Fazei o que Ele vos disser". Enquanto Faraó orientava o povo a buscar pão através de José, vemos hoje Jesus oferecendo, gratuitamente, o pão da vida a todos quantos o procurarem. Ele disse: "Eu sou o pão da vida." (Jo 6.48). O fato de todos os compradores dialogarem com José para a compra de trigo, fez com que José ficasse muito conhecido. Todos tinham que ter uma audiência com José antes de encher suas carruagens de trigo. Não havia pão sem José. Também não há pão sem Jesus. Todos têm de sentar-se com Ele a fim de "comprar, sem dinheiro e sem preço", o verdadeiro pão do céu.

Os povos de todas as nações concorriam ao Egito Para comprar comida da mão de José. Dessa maneira, José, em muito, fez enriquecer o tesouro egípcio, justificando, assim, que onde há um sábio para prevenir, daí advirão bênçãos.

José sempre é visto na Bíblia como exímio administrador na casa de Potifar, no cárcere e no reino do Egito, suas qualidades de mordomo excelente se revelam, tais como inteligência, energia, simpatia, previsão e coordenação.

15
A FOME CHEGA A CANAÃ

Canaã, a terra de Jacó e seus filhos, logo passou a experimentar a escassez de alimento. O gado de Jacó e sua lavoura entraram em crise e a fome bateu à porta do velho patriarca. O trigo era pouco e a família já somava sessenta e seis pessoas, inclusive Jacó. O próprio patriarca deu a idéia a seus filhos: Que todos eles, com exceção de Benjamin, descessem ao Egito para comprar trigo. Jacó temia pela vida de Benjamin, filho caçula e irmão germano de José, vez que no pensamento de Jacó, o filho José não mais existia. Teria sido morto pelas feras do campo.

A palavra Egito sempre causou repugnância aos ouvidos daqueles irmãos de José. Sempre que alguém falava do Egito, lembravam-se do ato cruel praticado contra José, visto que sabiam que aqueles mercadores ismaelitas, compradores do irmão José, tinham por destino o Egito. Falar ou comentar sobre o Egito, era angustiante para eles, mas agora eles precisam empreender uma viagem para lá, numa árdua empreitada :- comprar pão. Para o Egito, venderam um "irmãozinho" pela bagatela de 20 moedas e agora de sacos vazios precisam ir ao Egito buscar mantimento. Para aqueles irmãos, era humilhante ir de "canequinha na mão" buscar comida em terra paga. Porém. Deus tem seus caminhos e a única maneira de cumprir os sonhos de seu servo José era que seus irmãos fossem ao Egito. Aliás, a fome daquele período teve unicamente o objetivo de exaltar seu servo José.

Chamo-lhe a atenção para a permanente lembrança do Egito na memória daqueles dez irmãos de José. Era o pecado praticado contra José que fazia aguçar a mente deles. Razão tinha Davi, o salmista apreciado, quando exclamou na sua angústia proveniente do seu terrível pecado: "Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim," (Salmo 51.3). O pecado armazenado sempre vem à tona na consciência do pecador. A única maneira de desalojar o pecado é confessar e deixar de praticá-lo. "Aquele que encobre as suas transgressões, nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia" (Pv 28.13). A retirada da túnica de José e sua venda aos ismaelitas era um pecado que eles facilmente não podiam esquecer e, na leitura das Escrituras, observamos que realmente nunca o esqueceram. Parece-nos ouvir a advertência preciosa do Senhor Jesus ao anjo da igreja em Efeso: "Lembra-te, pois, donde caíste, arrepende-te, e pratica as primeiras obras...," (Ap. 2.5).

Provavelmente, ao arrumar as malas para a tão indesejada viagem, os dez filhos de Jacó pensaram seriamente em José. O que teria acontecido com José depois daquelas duas décadas de separação? Mal sabiam eles que José estava posto por governador do Egito e seria o homem que os atenderia na terra de Faraó.

Dinheiro na mão, os dez irmãos de José descem ao Egito. Na condição de responsável pelo controle da armazenagem, estoque e venda de trigo, José foi quem os recebeu, reconhecendo imediatamente seus irmãos, enquanto estes não reconheceram José, vez que já se passavam mais de 20 anos desde o momento em que o venderam. José, agora, trajava roupas características da nova terra, muito diferentes daquela que trajava no dia em que foi jogado na cova. Sua voz de adolescente agora tornou-se mais grave. Assimilou sotaques que impediram o reconhecimento dos 10 homens que queriam pão. Além disso. José evitou falar na língua deles, preferindo utilizar-se de um intérprete. Cumpre-se aqui o primeiro grande sonho de José. Seus irmãos dirigem-se ao balcão de vendas, inclinam-se diante de José com o rosto em terra e pedem, humildemente, para comprar mantimento.

Começaremos a ver no comportamento de José, o desprovimento do espírito de vingança. Aqueles mesmos homens que há mais de vinte anos subtraíram fortemente sua túnica, colocaram-no na cova e venderam-no aos ismaelitas, agora estão de mãos vazias para comprar uma carga de trigo. Não teve no coração de José lugar para vingança. Perguntou-lhes a respeito do pai daqueles dez irmãos, para saber se "papai Jacó" ainda vivia. Não sem razão admiramos José pelo seu discernimento intelectual e alta compreensão das coisas espirituais. Exigiu a vinda de Benjamin, seu irmão mais novo, mediante a prisão de Simeão. O mesmo Simeão, outrora valente, agora é amarrado diante de José e fica no Egito à espera da caravana de uma nova viagem de seus irmãos ao Egito, que trará Benjamin. Simeão era bem mais velho que José e havia participado da grande invasão de uma cidade inteira, mas diante de José, fica como servil e pacato prisioneiro. Deus tem suas maneiras de moldar os homens. Certo amigo pastor contou-me uma ilustração de grande valia para mostrar como Deus trabalha na vida das pessoas: Um tijolo sai da olaria com muitas quinas vivas que podem cortar as mãos do pedreiro, mas ao sair do forno, depois amontoado no estoque, carregado ao depósito de material de construção, transportado ao local da obra. levado no carrinho de mão do servente e empilhado junto à parede, todas as suas quinas quebram-se e não mais machucam as mãos do pedreiro. Às vezes, Deus age assim, quebrando quinas para o uso perfeito do seu vaso.

Quero compartilhar com você, leitor, da experiência que ocorreu comigo ao ler sobre a volta dos nove irmãos de José levando trigo a Canaã. O próprio José ordena que os sacos levados por aqueles homens sejam cheios de trigo e que o dinheiro que eles trouxeram para a compra, seja restituído à boca de cada saco. Manda, ainda, que forneçam comida para o caminho de volta. Colocam a carga sobre os jumentos e partem de volta. Um deles, ainda na estrada, resolve abrir o saco e encontra o mesmo dinheiro usado na transação de compra do cereal. O coração de todos desfalece. Ficam pasmados e até clamam a Deus para saber o que está ocorrendo. Diriam hoje: ”É muita bênção demais para ser verdade." Ao chegarem em casa, os nove irmãos descobrem que todo dinheiro levado ao Egito lhes foi.restituído. A família de Jacó teme diante da descoberta daquele dinheiro. Aquela plena restituição do dinheiro por parte da bondade do coração de José fala-nos da grandeza, da abundância, da providência de Deus. Sempre que chegamos diante do Senhor Deus, o "Jeová-Jireh", ávidos pelo pão da vida. desejosos do pão da Palavra, entramos ao templo com o coração sedento e quebrantado. Nossa oferta é apenas um coração aberto e sequioso, mas é sempre um coração inteiro. Oferecemos nosso culto verdadeiro ao Senhor e. ao regressarmos para os nossos lares, sentimos nossos corações cheios da glória de Deus; há um transbordar do verdadeiro trigo, a Palavra de Deus. Sempre trazemos para casa muito mais que levamos. Faz-nos lembrar da pobre viúva. Eram apenas duas pequenas moedas, mas as palavras de Jesus foram o bálsamo para sua vida cansada. Aquela oferta até hoje tem um brilho especial em nossas mensagens. Além do reembolso de todo o dinheiro, José mandou dar-lhes comida para a caminhada. Você já experimentou isso ? Chegamos de recipientes vazios ante a presença do Deus vivo e enchemo-los com o resplendor e eficácia de sua Palavra e ainda temos comida para o caminho. "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje...." (Mt 6.11). O Senhor Jesus é o pão para nossa casa, para nossa família e também para o nosso caminho no dia-a-dia. Só passam fome do trigo celestial aqueles que não procuram o celeiro de Jesus.

Uma pausa para relembrar as palavras de Jesus, quando inquirido pelo discípulo Pedro a respeito de compensações sobre o servir a Causa do Mestre. Jesus responde-lhe: "E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe. ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida

eterna" (Mt 19.29). Razão sobeja tinha o apóstolo Paulo ao afirmar categoricamente: " Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo," (Ef 1.3). Se José, humilhado e vendido pelos próprios irmãos, homem semelhante a qualquer mortal, usou de ímpar largueza de espírito ao reembolsar o dinheiro àqueles compradores, muito mais o Pai Celestial abrirá o seu tesouro para nos abençoar abundantemente com todas as riquezas de sua glória."Em quem temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça," (Ef, 1.7).

O trigo trazido do Egito é suficiente para algum tempo, mas em breve será necessário comprar mais. E como o alimento da Palavra de Deus, do qual ninguém pode abrir mão. E comer da Palavra e sempre " comprar" mais. "O vós, todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei; sim. vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite.....ouvi-me atentamente, e comei o que é bom, e a vossa alma se deleite com a gordura," (Isaías 55.1,2).

16
PREPARATIVOS PARA A SEGUNDA VIAGEM

Jacó novamente envia seus filhos ao Egito, mas estes não empreenderiam nova viagem se não levassem Benjamin na comitiva. A exigência do governador do Egito deveria ser cumprida à risca, pois seria impossível comprar mais trigo se o irmão mais novo não fosse com eles. Jacó reluta no envio do caçula, mas Judá, o quarto filho do patriarca, intercede junto ao pai e ainda oferece fiança no caso de não restituir a Benjamin. Disse Judá: “Eu próprio serei fiador no lugar de meu irmão e da minha mão o requererás". Jesus é descendente da tribo desse Judá e Jesus é o nosso fiador por excelência. Somos salvos, redimidos, justificados, santificados, em virtude da maior fiança já paga na história deste mundo: a remissão através do sangue de Cristo, nosso Senhor, o Leão da Tribo de Judá. Em dois dos filhos de Jacó encontramos tipologia de Cristo, o nosso Salvador: Enquanto Judá foi o antecessor físico, José foi o antecessor espiritual de Jesus Cristo. Jacó ouve as ponderações dos filhos e acaba por aceitar o envio de Benjamin juntamente com seus irmãos. Devem voltar ao Egito porque a fome é gravíssima na terra. Jacó, homem experiente e desejando agradar o governador do Egito e achar graça aos seus olhos para soltura de Simeão, dá uma sugestão da maior importância aos seus filhos. Ordena que levem um presente ao governador, mas até então desconhece que esse governador é seu próprio filho José. Jacó era especialista nesse negócio de enviar presentes. Foi dele a idéia de mandar diversos presentes a Esaú para amenizar sua ira quando ambos se encontraram em Maanaim: "E tomou do que lhe veio à sua mão, um presente para seu irmão Esaú." Ainda veremos que, nas duas vezes em que Jacó precisava de uma porta de solução para um problema de família, esta não veio dos presentes enviados, mas da reconciliação de Jacó e de seus filhos com Deus.

17
UM PRESENTE DE PAI PARA FILHO

O presente possui grande simbologia, vez que se tratava do filho José, tão machucado pelas provas enfrentadas no decorrer daqueles amargos anos. Para que compreendamos a maneira agradável como Deus cuida daqueles que passam por provas nesta vida, veremos, detalhadamente, os componentes daquele tão importante presente de Jacó. Um homem da idade e experiência de Jacó bem sabia da importância na composição de um belo presente ao governador. Para Esaú, seu irmão, mandou muito gado, mas para o mandatário do Egito, precisava ser algo suave e de grande importância simbólica.

O primeiro componente a ser recomendado por Jaco consistia de um pouco de bálsamo, uma planta de aroma agradável, abundante nas montanhas de Gileade, de uso medicinal e terapêutico. Era disso que José precisava depois de todo o sofrimento daquelas décadas. Para quem ficou marcado pelas feridas do ódio de seus irmãos, do despojamento da linda túnica, da calúnia da mulher de Potifar, dos anos na prisão palaciana, nada melhor que "um pouco de bálsamo" mandado pelo próprio pai. Ninguém melhor que um pai para consolar um coração abatido pelas amarguras da vida. Saliento que Deus é um Pai no mais alto valor da expressão e tem curado feridas com o bálsamo da sua Graça e Misericórdia. Talvez o leitor esteja precisando de um pouco de bálsamo no caminhar espinhoso de um momento de grande prova e dificuldade, e Deus, Ele, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus. (Fp.4.19). Há dois momentos na vida de Jesus que chama profundamente nossa atenção: Na prova do Jardim do Getsêmane, em meio à oração angustiante, o próprio Deus e Pai ordena a um anjo para confortar seu filho Jesus. Com Deus na prova, na tribulação e na angústia, sempre haverá um conforto, um consolo e um refrigério. Todavia, observando Jesus pregado à cruz do calvário, perto da hora nona, encontramo-lo clamando: "Deus meu. Deus meu, por que me desamparaste?" Alguns, ouvindo o clamor do Mestre que gemia, correram e tomando uma esponja, embeberam-na em vinagre e deram de beber a Jesus. É claramente notável a diferença entre o tratamento de Deus e dos homens. No Getsêmane há anjos de Deus para confortar. É o bálsamo do Pai. Na Cruz, só há vinagre dos homens, o fel da amargura.

Bálsamo lembrança ternura. O que José ganhou uma especial fragrância e era especial para curar cicatrizes. Além de cooperar em sarar os ferimentos, ainda tinha poder terapêutico, contribuindo na perfeita cicatrização. Jesus nos convida, a todo o momento, experimentarmos do poder do seu bálsamo, para que pelas suas cicatrizes do Calvário, sintamos a cura completa das grandes feridas provocadas por este mundo cruel.

O segundo ingrediente para o presente do governa-dor era "um pouco de mel". Apesar de toda a glória que José tinha no Egito, da magnificência de seu cargo e da importância de sua pessoa naquele contexto econômico. José ainda possuía marcas de amarguras em sua vida. As maiores marcas eram a distância da casa paterna, a saudade do pai, o abandono de seus irmãos e a orfandade precoce. Só o bálsamo não bastava para José. Precisava ainda de "um pouco de mel". Mel é um produto conhecido mundialmente por sua doçura. Louvamos a Deus porque sua Palavra é como mel. "Oh! Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais doces do que o mel à minha boca" (Salmo 119.103). Em meio às amarguras produzidas por homens cruéis, há sempre o mel enviado pelo Pai. Depois de utilizar do bálsamo medicinal, era a hora de adoçar os contratempos da vida com o mel de Canaã.

O melhor remédio para um coração aflito e angustiado é comer os favos de mel produzidos pela infalível Palavra de Deus.

As especiarias, tão conhecidas por José, complementavam aquela cesta de presente enviada por Jacó. Pelo próprio nome deduzimos que era o melhor da terra. Sem o saber, Jacó estava mandando o melhor para o filho tão amado, o melhor que tinha, um exemplo em obediência. Já que o tinham despojado da túnica de várias cores, algo muito especial, um novo presente é oferecido. Podemos agradecer a Deus que nos tem dado especiarias em abundância e que nos assentará, no futuro, junto a Si no Seu trono. Ninguém pode tomar as bênçãos espirituais destinadas por Deus a nós. As materiais constantemente nos subtraem; porém, as espirituais são renovadas pelo Doador por excelência. Às vezes, tiram-nos a túnica, mas Deus enriquece-nos com o bálsamo, um pouco de mel e as especiarias da sua Glória.

No presente de Jacó, não poderia faltar mirra. Produto caríssimo e de perfume invulgar, era um dos ingredientes do óleo da unção sacerdotal. O que representava aquilo para José e para seu pai Jacó? Sem ter conhecimento do que fazia, mas dentro de um contexto profético e escatológico. Jacó ordenava a bênção da unção a seu filho José, ratificando a unção que Deus já depositava sobre ele. Vivemos em um mundo onde podemos viver com a falta de uma série de produtos, mas ninguém pode viver uma vida consagrada a Deus sem a unção que Dele mesmo provém. "E acontecerá naquele dia, que a sua carga será tirada do teu ombro, e o seu jugo do teu pescoço: e o jugo será despedaçado por causa da unção" (Is. 10.27).

O jugo que pesou sobre o escravo José por tantos anos estava já despedaçado por causa da unção e intervenção de Deus. A mirra, compondo aquele simbólico presente, era tão somente uma demonstração tísica do ato.

Terebinto era o quinto produto a constituir a cesta do presente de José. Trata-se de uma resina extraída de uma árvore frondosa. A característica marcante dessa árvore é que estava sempre verde. Na primavera ou no inverno, no verão ou no outono, o terebinto era a expressão da vida vegetal. Em qualquer ocasião, suas folhas eram sempre verdes. Não foi José um terebinto de Deus ? Não passou pelo inverno da humilhação, pelo estio do cárcere ? Todavia, permaneceu verde. Razão tinha o salmista em descrever o estado daqueles que permanecem firmes em meio à prova: "Mas eu sou como a oliveira verde na casa de Deus...." (SI. 52.8). O mundo de hoje carece de homens que sejam verdadeiros terebintos. Vezes sem conta deparamos com pessoas que, nas bonanças da vida, expressam a beleza de árvores frondosas e frutíferas, mas que, ao enfrentar provas de Deus na vida, transformam-se em verdadeiros arbustos insignificantes e secos. O segredo de José para vencer na prova é que as raízes de sua existência estavam firmadas junto a ribeiros de águas, dando frutos na estação própria, as folhas permaneciam verdejantes e em tudo o que fazia. Deus o prosperava (Salmo 1.3).

Para completar o presente, Jacó sugeriu que colocassem amêndoas. As amendoeiras abundavam na terra de Canaã. Haviam as de flores rosadas, as quais produziam amêndoas doces. As de flores brancas produziam amêndoas amargas. Certamente Jacó mandou as de frutos doces. A amendoeira era a primeira árvore a florescer na primavera. José foi colocado nas Escrituras por primogênito, como o primeiro. "Quanto aos filhos de Rubem, o primogênito de Israel; - porque ele era o primogênito, mas porque profanara a cama de seu pai. deu-se a sua primogenitura aos filhos de José. filho de Israel; para assim não ser contado na genealogia da primogenitura. Porque Judá foi poderoso entre seus irmãos, e dele provém o príncipe; porém a primogenitura foi de José" (I Cr 5.1.2). Seguramente. José foi posto por Deus como o pastor de seus irmãos. Espiritualmente e moralmente, tinha qualidades que o

credenciavam a tanto. A amendoeira tinha primazia sobre as demais árvores quando do florescimento, foi dela que Moisés mandou Arão colocar uma vara no tabernáculo para confirmar o ministério arônico. Em apenas uma noite, a vara colocada por Arão floresceu, produziu flores, renovos e amêndoas (Números 17.8J. A vida de José era como a amendoeira frutífera. Mesmo estando em terra estranha, floresceu, mostrou renovos e produziu frutos que magnificaram o Deus de Israel. Certamente. José compreendeu o significado daquele presente tão cheio de simbologia.

18
OS IRMÃOS RECONHECEM JOSÉ

Com o presente acondicionado numa embalagem que seria a melhor possível para a época, os dez irmãos voltam ao Egito, levando dinheiro dobrado. Pensavam eles que houve algum erro quando da primeira viagem, vez que todo o dinheiro foi restituído. Jacó faz uma oração antes da segunda viagem dos filhos, invocando a proteção do Deus Todo-Poderoso. Jacó tinha experiência do encontro com Esaú nas proximidades do Vau de Jaboque. Sabia não adiantar levar bom presente e dinheiro dobrado. Mais que isso, o sucesso daquele encontro estava na bênção e na misericórdia de Deus. "E Deus Todo-poderoso vos dê misericórdia diante do varão, para que deixe vir convosco vosso outro irmão, e Benjamim: e eu, se for desfilhado, desfilhado ficarei" (Gn 43.14).

Viajam alguns dias. chegam ao Egito e apresentam-se a José. Benjamin é reconhecido pelo governador. José deseja almoçar com os seus irmãos. O convite não agrada de início aos irmãos hebreus, pois pensam que haverá inquirição a respeito do dinheiro restituído da primeira compra, mas José, ainda não reconhecido pelos irmãos, diz a eles que não há motivos para preocupação. Haviam muitos que iam ao Egito para comprar trigo. As estradas que demandavam ao Egito, com toda certeza, estavam sempre cheias de comerciantes à procura do trigo egípcio. Para José, seus irmãos eram compradores especiais, era gente da sua gente, povo do seu povo. Um servo da casa de José leva-os a beber água. A seguir, seus pés são lavados. Quanta deferência! Será que mereciam tanto? Não foram eles quem venderam um irmão a estranhos midianitas e agora todo aquele cerimonial antes de comprar comida? Até seus jumentos recebem uma ração para recuperar as forças gastas na longa estrada. Atendimento assim, nota dez, só na casa de José. Os irmãos não conseguiram entender porque tanta cortesia por parte dos servos de José. Deixemos Deus continuar guiando-os acordos de José com seus irmãos. Deixemos o Espírito Santo continuar guiando-nos, levando-nos à casa do Governador Jesus e dando-nos água viva para beber. "Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, estes são filhos de Deus" (Rm8.14).

Meio-dia, hora de um grande almoço agendado por José para seus irmãos. José chega, recebe o presente enviado pelo pai Jacó e todos os irmãos curvam-se. inclinando com a face na terra diante de José. Levantam para olhar o rosto do governador, mas este pergunta sobre o pai Jacó. e eles respondem solenemente: "Nosso pai, teu servo, vive ainda e está bem" (Gn 43.28). Novamente, todos se inclinam diante de José. o qual move suas entranhas. Sai para chorar, longe da curiosidade de todos. Depois lava o rosto e senta-se para o almoço. Não se coloca à mesma mesa dos irmãos, face ao costume egípcio, mas ordena que a porção de Benjamin seja sempre quintuplicada com relação aos demais irmãos. Lembro-me que Benjamin não estava junto com seus irmãos quando José fora vendido aos ismaelitas. Era o mais novo e estava em companhia do pai, em virtude de sua tenra idade. Benjamin não participou da trama e. além disso, era um irmão especial para José: filhos do mesmo pai e da mesma mãe. Os garçons egípcios descobriram naquele almoço um costume hebreu que os maravilhou: Todos os irmãos de José sentaram-se à mesa de acordo com sua idade, segundo sua primogenitura.

Findo o almoço. José os despede sem ainda revelar-se a seus irmãos, os quais novamente levam os sacos cheios de mantimento, o dinheiro é restituído mais uma vez. e no saco de trigo de Benjamin é colocado, de propósito, o copo de prata do governador José. Fechado o saco, Benjamin sai da cidade sem saber, ao certo, o que levava ali dentro.

Saindo da cidade, José manda homens para perseguir seus irmãos e para descobrir com qual deles estava o copo de prata. A intenção de José era experimentar seus irmãos para saber se havia mudança em seus corações. Quando descobriram que o copo de prata fora achado no saco de Benjamin, voltam arrazados para a casa de José, pois haviam prometido que se fosse achado o copo no saco de qualquer um deles, o mesmo seria morto e todos os demais irmãos seriam escravos do governador. "Aquele dos teus servos em quem for achado o copo de prata, morra; e ainda nós seremos escravos de meu senhor," (Gn 44.9). A palavra do governador é esta: "Longe de mim que eu faça tal coisa; o varão em cuja mão o copo foi achado, aquele será meu servo, porém vós subi em paz para vosso pai" (Gn 44.17).

Observamos agora a súplica que Judá. o quarto irmão na ordem de primogenitura, efetuou a favor de seu irmão Benjamin. Suas palavras, em forma de petição, comprovam a transformação em seu coração e de seus irmãos. Estavam contritamente arrependidos das faltas cometidas no passado. Não havia mais lugar para o ódio, mas arrependimento e muito amor. Por que José permitiu que seus irmãos fossem assim tão questionados antes de revelar-se a eles? José queria experimentá-los a respeito da disposição deles com o irmão Benjamin (irmão germano de José), se o auxiliariam quando José o acusasse daquele furto ou se o abandonariam sem se incomodarem com a sua sorte. Realmente, os irmãos de José não eram mais os mesmos. Havia acontecido uma transformação naquelas vidas, pois se empenharam pela defesa de Benjamin, e Judá ofereceu-se por fiador no lugar do irmão menor.

Não podendo mais se conter diante daqueles aflitos irmãos, José dá-se a conhecer. Este é um momento em que o ardoroso leitor das escrituras envolve-se na realidade daquele encontro fraterno. É um momento de profunda emoção que envolve toda a casa do governador do Egito. Todos os varões são orientados a sair do lugar e José identifica-se a seus irmãos. O choro daquele encontro foi ouvido ao longe. Nenhum irmão conseguia expressar alguma coisa, pois estavam pasmados diante da face de José. Antes que algum deles pudesse falar alguma coisa. José trouxe, antecipadamente, sua palavra de perdão: "Não entristeçais o vosso coração por me haverdes vendido para cá: porque, para a conservação da vida. Deus me enviou diante da vossa face" (Gn 45.5).

"O trato de José com seus irmãos é. em parte, o mesmo de Deus para com os homens. Deus nos vê descuidados, mui dispostos a fazer pouco caso dos velhos pecados: e, então, mediante apertos, adversidade e dores. Ele traz esses pecados à nossa memória, e afinal obtém de nós a confissão: "na verdade, somos culpados" (Gn 42.21). E então, "quando a tribulação tem feito a sua obra. Ele está pronto a confirmar seu amor para conosco como foi José para com seus irmãos" (R.C. Trench.).

19
JOSÉ CONVIDA SUA FAMÍLIA A MUDAR-SE PARA O EGITO

Dois anos do período da fome se passaram, mas ainda restavam cinco anos de fome. e José resolve convidar seu pai e seus irmãos para se mudarem para o Egito. Nunca o Egito esteve no plano divino para a habitação do povo de Deus e a visita feita pelos patriarcas Abraão. Isaque e Jacó, nunca foram ordenadas por Deus. Aqui descobrimos a vontade permissiva de Deus, diferente da vontade positiva. A família de Jacó já estava dividida, pois parte dela (José. sua mulher e seus filhos) já morava no Egito. Com o convite de José para que todos se mudassem para o Egito, a fim de escapar da fome, ocorre a preocupação de Jacó, o velho patriarca. Afinal, já estava com 130 anos de vida e, nessa fase da existência, uma mudança poderia ter conseqüências desastrosas. Jacó não suportaria andar fora da vontade de Deus e por isso, estando em Berseba, ora ao Senhor para ter certeza de que estava na direção divina. E partiu Israel com tudo quanto tinha, e veio a Berseba, e ofereceu sacrifícios ao Deus de seu pai Isaque. E falou Deus a Israel em visões de noite, e disse: Jacó, Jacó ! E ele disse: Eis-me aqui. E disse: Eu sou Deus, o Deus de teu pai; não temas descer ao Egito, porque eu te farei ali uma grande nação. E descerei contigo ao Egito, e certamente te farei tornar a subir, e José porá a sua mão sobre os teus olhos (Gn 46.1-4). A resposta de Deus veio em decorrência da oração. A direção na vida de um homem temente não pode depender da posição dos astros, de tarôs, de adivinhações, de cartas de baralho. Somente a oração pode definir novos rumos a tomar. Mediante visões de noite, o Senhor Deus aparece a Jacó e diz-lhe: "Jacó, Jacó" chamando-o por duas vezes para manifestar seu poder e a autenticidade de que era Ele quem falava com seu servo. Naquela noite, Jacó havia adormecido com a preocupação da viagem de mudança. Antes de dormir, estando em Berseba, ofereceu sacrifícios a Deus. Três coisas incomodavam a mente de Jacó: 1) Que seus filhos, morando em terra alheia, fossem atraídos pela riqueza do Egito. 2) Que Deus se irasse com a mudança, pois não tinha ainda recebido a confirmação da parte do Senhor. 3) Que morresse sem ter a consolação de ver seu filho José. Porém, Deus que prescruta os corações, disse na visão: "Não temas descer ao Egito, porque eu te farei ali uma grande nação. E descerei contigo, e certamente te farei tornar a subir, e José porá a sua mão sobre os teus olhos." A título de ilustração, observe que a ida ao Egito é sempre uma descida, enquanto que a ida a Canaã é sempre uma subida. Guarde isto. Deus protege o seu povo ainda que não esteja no melhor dos lugares, segundo a sua vontade. Ressalte-se, porém, que a maior bênção possível está sempre no caminho de sua vontade positiva.

O convite de José foi de bom alvitre aqueles irmãos ainda assustados pelo reconhecimento do irmão outrora vendido. José instrui-os acerca da providência de Deus em sua estada no Egito. Repare as palavras do governador: "Deus me enviou diante da vossa face, para conservar vossa sucessão na terra, e para guardar-vos em vida por um grande livramento. Assim não fostes vós que me enviastes para cá, senão Deus. que me tem posto por pai de Faraó, por senhor de toda a sua casa, e como regente em toda a terra do Egito" (Gn 45.7,8). José reconhecia em todos os acontecimentos de sua vida, a mão providencial de Deus. Dizia ele: "Deus me enviou.... Deus me fez senhor...," (Gn 45.9). Desde o princípio, José relaciona a sua vida com Deus, com a divina permissão, com o divino plano, a divina vontade. Conservando a sucessão dos filhos de Jacó, estava conservada a linha genealógica do Senhor Jesus, oriundo da tribo de Judá. Estava preservada a família de onde viria o Salvador do mundo, o Messias.

José reconhece, ainda, que foi Deus quem o colocou por regente em toda a terra do Egito. Não foram seus conhecimentos, seu talento, sua inteligência, que o fizeram governador, mas a sapiência e onipotência de Deus. José era, na essência da palavra, um ministro da providência de Deus.

Quando José convida sua família para descer ao Egito, a fim de refugiar-se da fome que campeava os povos daquele época, era como dizer aos seus irmãos: "Quero que todos sejam participantes dos bens que eu tenho pela liberalidade de Deus". José não reconhecia que alguma coisa era dele, mas que todas coisas estavam no completo controle de Deus.

Conforme estudaremos em capítulo à parte. José é um perfeito tipo do Senhor Jesus. Após suprir de trigo, por duas vezes, sua família que estava na terra de Canaã, José agora deseja que seu pai, seus irmãos, seus sobrinhos venham morar junto com ele na terra do Egito. Paralelo importante e escatológico encontramos em Jesus. Infinitas vezes nos supre do pão celestial e ocorrerá o momento em que nos convidará, mediante o toque da trombeta do arcanjo, a morarmos eternamente com Ele no céu para experimentarmos as riquezas de sua glória. "Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz. e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo. Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono" (Ap. 3.20.21).

José despede-se dos seus irmãos e roga que voltem logo de mudança ao Egito, e que tragam toda a fazenda, toda a família. "Apressai-vos. e subi a meu pai. e dizei-lhe: Assim tem dito o teu filho José: Deus me tem posto por senhor em toda a terra do Egito; desce a mim. e não te demores ... E ali te sustentarei, porque ainda haverá cinco anos de fome, para que não pereças na pobreza, tu e tua casa. e tudo o que tens" (Gn. 45.9-11). Vislumbramos nas palavras de José, o cuidado que Deus tem por toda a família. Tanto nossos filhos, nossos bens, nossa fazenda são alvo da misericórida divina.

Chegou o momento de Jacó e toda a sua prole depender das mãos do filho José. Não fosse a ida de José ao Egito para ser governador, a fome dizimaria toda a casa de Jacó. não havendo a quem apelar. "Porque todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus. daqueles que são chamados segundo seu propósito" (Rm 8.28).

20
A PROGRESSÃO DA BÊNÇÃO DE DEUS

Faraó ouve a respeito dos irmãos de José e alegra-se. Ordena que se dêem carros para os irmãos de José voltarem, carros estes carregados, abarrotados de trigo, carros esses que serviriam para a viagem de mudança da família de Jacó ao Egito. Felizes por receberem o melhor meio de locomoção da época, cada irmão de José ainda é presenteado com mudas de vestidos. Não há alusão bíblica a respeito da qualidade do tecido e da confecção desses vestidos, mas cremos serem vestidos especiais. Parece-nos um paradoxo, mas o mesmo José que foi despojado de sua única túnica de várias cores, após a festa do reconhecimento, gentilmente, dá a cada um deles mudas de vestidos novos. E José pagando o mal com o bem. Benjamin, o irmão mais novo, recebe trezentas peças de prata e cinco mudas de vestidos. E bom ter irmão semelhante a José. Para o pai Jacó. que mandara aquele presente tão significativo, já estudado por nós. José manda dez jumentos carregados do melhor do Egito, e dez jumentos carregados de trigo, e pão, e comida em abundância.

Antes que se colocassem a caminho. José chama seus irmãos à responsabilidade de não haver discussões entre eles a respeito do passado, das farpas ocorridas no pasto de Siquém. E improducente ficar discutindo as fraquezas do passado, quando se pode vivenciar a bênção do presente e a glória do futuro. José, sabiamente instruído por Deus, percebeu que, durante a viagem no caminho do Egito a Canaã, iriam culpar-se uns aos outros pelo pecado de mais de duas décadas e por isso adverte-os: "Não contendais pelo caminho," (Gn 45.24). Era como dizer: "Vão em paz e não fiquem se acusando pelo que me fizeram, pois, apesar do sofrimento. Deus me fez triunfar"

Sempre defendemos a tese de que a vida espiritual de um servo de Deus é progressiva. É sempre para frente e para o alto. "Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima. onde Cristo está assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra" (Cl. 3.1). Se analisarmos detalhadamente as duas viagens dos filhos de Jacó, veremos o quanto houve de progresso no resultado delas. Na primeira viagem, compraram um saco de trigo cada um, tiveram a restituição do dinheiro levado e voltaram montados em seus jumentos. Na segunda viagem a Canaã, após o reconhecimento de José e o choro da emoção do reencontro, os irmãos de José retornam, levando dez jumentos carregados do melhor do Egito, dez jumentos carregados de trigo e pão. comida pára o pai. carros em número suficiente para a viagem da mudança. Levam ainda os vestidos dados por José, e Benjamin é presenteado com 300 peças de prata. Que progressão maravilhosa ! Este é o desejo de Deus. Que nunca voltemos vazios, mas que possamos, dia após dia. nos abastecermos das riquezas da Sua palavra. Uma pergunta que cabe tão bem ao nosso coração, nesse momento: - Como estamos nos abastecendo do celeiro do Pai? Como estamos voltando de nossas reuniões de adoração, de louvor, oração e ensino da bendita e gloriosa Palavra ? Estamos progredindo na busca dos celeiros de Deus ou paramos no tempo ?

"A fonte da providência é profunda. Os baldes geralmente levados ali é que são pequenos." Nunca aqueles homens, irmãos de José, pensaram que voltariam tão abastecidos da terra do Egito. As vasilhas que levaram eram poucas e pequenas, porém foi do agrado de José e do rei Faraó que aqueles compradores voltassem com abundância de pão, vestidos e peças de prata. É assim que Deus, muitas vezes, nos surpreende. Apresentamo-nos, na maior parte das vezes, sem muita expectativa, porém Deus nos abastece com sua inefável provisão. "Dai, e ser-vos-á dado; boa medida,

recalcada, sacudida e transbordando, vos deitarão na vossa dispensa...," (Lc. 6.38).

21
A FAMÍLIA DE JACÓ CHEGA AO EGITO

A chegada dos filhos à casa de Jacó transformou-se numa festa.A viagem de volta para aqueles 11 irmãos foi de folguedo e grande alegria. Até o percurso pareceu mais curto. As viagens de bênção são menos cansativas. Jacó, que passara longos 22 anos lamentando a perda do filho amado José, agora recebe a notícia alvissareira: Seu filho está vivo, é governador do Egito, e em breve deverá vê-lo face a face. Parecia não acreditar nas palavras dos filhos, mas vendo o presente que José lhe mandara, os carros aparelhados estacionados no pátio da casa, o coração de Jacó encontrou razão para crer. e diz-nos a Bíblia: "reviveu o espírito de Jacó", (Gn 45.27). Há uma lição para nós nesse episódio. Quantas vezes sofremos anos a fio por algum problema, uma causa, achando que não há solução à vista, quando o problema, às vezes, nem existe. É necessário confiar inteiramente que Deus está no controle de tudo. Jacó chorou por uma perda que não havia acontecido. Enquanto Jacó chorava. Deus trabalhava a favor de José, conduzindo-o da prisão ao posto de liderança a que chegou na terra do Egito.

Há um ensino paralelo no reavivamento ocorrido no espírito de Jacó. Só de saber que José, o filho querido, estava vivo, seu espírito tomou alento e um avivamento se produziu naquele lar de tanta ansiedade e sofrimento. Assim nós, de igual modo, temos razões sobejas para viver um grande avivamento, pois nosso Senhor Jesus, o filho amado do Pai. ressuscitou e está intercedendo pelo seu povo à destra de Deus.

A história de José ressalta a verdade de que os justos podem sofrer num mundo mau e iníquo, mas que, por fim, triunfará o propósito de Deus reservado para eles.

Já dissemos que a descida da família de Jacó ao Egito teve a vontade permissiva de Deus. Jacó havia orado por tal empreendimento, e ao partir de sua casa. passou por Berseba, lugar tão freqüentado por seu pai Isaque e seu avô Abraão. Ali ofereceu sacrifícios a Deus e o Senhor falou com Jacó, através de visões que não temesse descer ao Egito, pois o abençoaria e dele faria ali uma grande nação. Acrescentou o Senhor, dizendo: "Eu descerei contigo ao Egito," (Gn 46.4). Eis aí a causa da segurança na tomada de decisão de Jacó: a certeza da presença do Deus Altíssimo. O patriarca Jacó, a exemplo de seus pais, deixa aos servos de Deus, de todos os tempos, uma lição da maior valia:-nossas mudanças devem ter a orientação de Deus através da sua Palavra e da oração.

Convido o leitor e pensar naquele momento em que Jacó, com seus 130 anos de idade, na companhia de seus filhos e netos, totalizando 66 pessoas, sobem aos carros egípcios e começam a viagem ao Egito. Deixam a casa em Canaã, mas ficam na mente de Jacó as promessas de Deus. A felicidade estampada no semblante de Jacó, a alegria dos irmãos de José por não mais precisar empreender viagens longas para comprar trigo, a festa da meninada montada em carros antes nunca vistos. Aproximam-se da fronteira do Egito, e Jacó manda o filho Judá avisar José sobre a sua chegada. Por que escolher Judá se havia outros dez filhos na comitiva? Que tinha Judá de especial para ser o mensageiro daquela boa notícia? Aparentemente nada, visto que Judá, conforme o episódio do capítulo 38 do Gênesis, não reunia credenciais para tanta proeminência. Algo de profético e escatológico estava acontecendo na indicação de Judá para ser o atalaia da família patriarcal. O Senhor Jesus descende da tribo de Judá e Ele é quem trouxe do céu as boas notícias a respeito da glória do Pai. "Quem me vê a mim, vê o Pai ... Crede-me que eu estou no Pai, e o Pai está em mim." (Jo. 14.9-11). E Jesus quem coloca o Pai em comunhão com aquele que está cansado da viagem. Fico feliz com a escolha acertada de Jacó. Judá é o homem certo para anunciar notícias que mudam

circunstâncias na vida de homens comuns, de famílias inteiras e nações famintas do Pão vivo.

José apronta seu carro, o segundo carro do reino, aquele doado por Faraó e vai ao encontro do pai Jacó. Nesse tempo, José tinha 40 anos de idade. Ambos choram no caminho e Jacó já se conforma em morrer tranqüilo após avistar-se com seu amado filho, sem saber que Deus ainda lhe daria mais 17 anos para viver ao lado de José. Um dado interessante: José viveu 17 anos ao lado de seu pai desde seu nascimento até ser vendido e nos últimos 17 anos da vida de seu pai. esteve a seu lado. Ao todo, José desfrutou da companhia paterna durante 34 anos. Da companhia materna, apenas um pouco de tempo.

22
O ENCONTRO DO FILHO AMADO

O encontro emocionante de José com seu pai faz-nos meditar sobre a paz de espírito que tomou conta de Jacó. Textualmente, as palavras do patriarca são: " Morra eu agora, pois já tenho visto o teu rosto, que ainda vives." (Gn 46.30). Só pelo fato de saber que seu filho estava vivo. Jacó descansa sua alma e admite morrer em paz. Paralelo importante veremos em todos aqueles que têm um encontro pessoal com Cristo. O encontro pessoal com Jesus afugenta o temor da morte. O apóstolo Paulo tem algo importante a dizer sobre isso: "Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é ganho'" (Fp 1.23). Jesus está vivo e encontrar-se com Ele produz a maior esperança e foge o temor da morte.

José toma cinco de seus irmãos e os apresenta a Faraó. O rei designa a terra de Gosen para a habitação daquela grande família. Gosen era um distrito junto ao delta do rio Nilo, região propícia para a criação de rebanhos. A seguir. José leva o próprio pai diante da face de Faraó, o qual deseja saber a idade de Jacó. São cento e trinta anos de peregrinação. Jacó referiu-se à sua vida e à dos seus antepassados, como uma peregrinação. Como estrangeiro e peregrino na terra, ele confiava em Deus para a posse da terra prometida. Vivia, portanto, pela fé, juntamente com Abraão e Isaque, ele morreu sem receber as promessas; sua meta suprema era uma pátria melhor, celestial. Da mesma maneira, todos os crentes são peregrinos e estrangeiros na terra, vivendo pela fé e aguardando a celestial cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus. 'Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra" (Hb 11.13).

Uma pausa para falarmos de alguns números. Quando José nasceu. Jacó tinha 90 ou 91 anos de idade. Com a idade de 108 anos. ficou privado da presença de José no lar. iniciando seu sofrimento de 22 anos.

Para cumprimento da Palavra de Deus, Jacó é quem ministra a bênção a Faraó. Embora fosse rei. respeitado, poderoso, Faraó precisou ser abençoado por Jacó. Hb 7.7. diz-nos que "o menor deve ser abençoado pelo maior." A ida de Jacó ao Egito teve forte influência no testemunho do Deus verdadeiro naquela terra paga. onde o próprio Faraó era considerado e reverenciado como um "deus". Na audiência que Jacó teve com Faraó, testificou acerca da grandeza e poder de Deus. Fez ali uma oração que Faraó nunca tinha ouvido na vida. Jacó era intimo de Deus nas suas orações e no oferecer de sacrifícios. Faraó desfrutou da presença de um homem que desfrutava da companhia de Deus.

23
JOSÉ - O ADMINISTRADOR POR EXCELÊNCIA

Acomodados na possessão da terra de Gosen, José sustenta integralmente sua família, enquanto continua a gerir os negócios do governo do Egito. A cada dia que passava, a fome da terra aumentava e os povos procuravam José para a solução emergencial do momento. Inicialmente, José vendia trigo mediante dinheiro; porém, acabando-se o dinheiro, os povos ofereciam seus rebanhos em troca do trigo dos celeiros do Egito. Isso durou um ano. Findo aquele ano, os rebanhos já haviam terminado e a fome aumentava. Os egípcios novamente procuram José e confessaram o estado de miséria a que chegaram: "Não temos dinheiro e nem rebanhos para comprar pão. Compra-nos e à nossa terra por pão, e nós e a nossa terra seremos servos de Faraó, e assim não morramos de fome -". Assim José comprou toda a terra do Egito para Faraó. O tesouro do reino egípcio cresceu graças às mãos de José. Faraó via no procedimento de José algo de extraordinário e especial. A grandeza do reino aumentava gradualmente pela administração de José. O governador já experimentava as bênçãos lançadas no monte Gerizim: " E todas estas bênçãos virão sobre ti, e te alcançarão ... bendito serás na cidade, e bendito serás no campo ... bendito o teu cesto e a tua amassadeira ... O Senhor mandará que a bênção esteja contigo nos teus celeiros, e em tudo o que puseres a tua mão ... O Senhor te porá por cabeça...," (Dt. 28.2-13). O povo estava agradecido ao governador pela provisão daquele mantimento e diziam a José: "A vida nos tem dado; achemos graça nos olhos de meu senhor, e seremos servos de Faraó" (Gn 47.25). Mesmo perdendo todos os seus bens. seu gado, suas propriedades, o povo exaltava a José pela provisão do pão. Qua tal, hoje, exaltarmos a Jesus que, graciosamente, dá-nos o pão do céu e enriquece-nos com todas as suas bênçãos ? ! Um convite à reflexão: Será que podemos, agora, neste exato momento, louvarmos a Jesus pela abundância de seu pão glorioso sobre nossas vidas? Lembre-se de Pedro e sua famosa declaração de dependência ao Mestre: "Para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna" (Jo 6.68). A mesma expressão de alegria do povo egípcio ainda é atual, quando dizemos a Jesus: "A vida nos tem dado. Ele é a vida."

José comprou para Faraó as terras dos agricultores, mas no final da crise, acabou por devolvê-las, espontaneamente, aos seus legítimos donos, somente exigindo que dessem 20 % das colheitas para o celeiro do rei. Nesse ato de José, vemos que ele sabia administrar as responsabilidades materiais, sem abrir mão de seus dons espirituais. A proposta foi bem aceita pelos súditos de Faraó, os quais prolongaram o costume por longos anos.

24
OS ÚLTIMOS DIAS DE JACÓ NO EGITO

A família de Jacó prosperava, multiplicava e frutificava na terra do Egito. Apesar de estar em terra estranha. Deus confirmava sua promessa a Abraão e a Isaque, de fazer uma grande nação da descendência deles. O povo crescia em número, o qual. futuramente, haveria de possuir e habitar a terra de Canaã. Com a provisão em abundância fornecida por José e sob as bênçãos de Deus. as tribos começaram a multiplicar os seus membros. A terra de Gosen aumentou sua densidade demográfica.

Jacó percebia que seus dias chegavam ao fim. Já somavam 147 os anos de vida. Fez José jurar que não o sepultaria em terra egípcia, mas que o levaria ao sepulcro de seus pais, em Macpela, herdade comprada por Abrão.

Sabedor da enfermidade que levaria seu pai à morte. José apanha seus dois filhos, moços já grandes. Manasses e Efraim, e empreende uma visita especial ao velho patriarca. Ao saber da notícia da chegada do filho governador. Jacó assenta-se no leito e relembra suas experiências marcantes com Deus. O sonho que teve em Harã e a visão da escada com anjos do Senhor, causaram em Jacó uma marca que perdurou toda a sua vida. São coisas assim que fazem a diferença entre os homens desta terra: a visão das coisas espirituais. No campo social e econômico, a diferença entre os homens está nos recursos financeiros, sua posição no ranking empresarial e na classificação da revista "Forbes". Na esfera espiritual, a diferença entre os homens está na visão que se tem da glória do Deus Todo-Poderoso. A diferença entre os homens para o reino celestial está na unção de Deus. Jacó não fazia menção da prosperidade material usufruída na casa de Labão. mas a viva lembrança de sua mente era o sonho que teve com a cabeça sobre a pedra, em Betel (Gn 48.3).

A entrevista que José teve a sós com seu pai redundou em fatos que entraram definitivamente para o futuro e para a história do povo de Israel. Jacó declara que. a partir daquele momento. Manasses e Efraim serão considerados como seus 12 filhos e que eles. a partir daquela data. terão os mesmos direitos dos demais filhos do patriarca. Os olhos de Jacó, já obscurecidos pelo tempo, não podiam divisar corretamente as pessoas, mas a visão espiritual está ativa como nas inúmeras visões que teve durante sua vida. Abençoa a Manasses e Efraim, filhos de José, os quais passaram a integrar as tribos de Israel e são mencionadas em todo o texto da Bíblia como tal.

A coisa mais grandiosa que um pai pode legar aos seus filhos é sua fé em Deus e a sua dedicação a Ele e aos seus caminhos. Não ha maior herança do que essa. José era um só filho, mas conseguiu, através da bênção paterna, ter duas tribos representativas no contexto da história do povo de Israel. Efraim, o dono da bênção maior, embora fosse o mais novo, cresceu tanto e alcançou proeminência dentre as demais tribos, que todo o povo de Israel chegou a ser chamado pelo nome de Efraim. "Quando Efraim falava, tremia-se...," (Os 13.1a). O salmo 80 tem seu prelúdio todo dedicado às tribos de Efraim e Manasses, além de Benjamin. Vale a observação sempre atenta do valor da bênção de Jacó dada àqueles moços. Não obstante tosse mais velho. Manasses ficou sob a mão esquerda do avô, indicando, assim, ser a porção de Efraim maior que a dele. E assim aconteceu. As menções de ambas as tribos no texto bíblico colocam sempre Efraim em primeiro lugar e Manasses em segundo. Não era simplesmente a vontade de Jacó. mas a vontade de Deus. Em diversas ocasiões na história do Antigo Testamento. Deus escolheu o filho mais novo em vez do mais velho. Escolheu Isaque em vez de Ismael (Gn 21.2); Jacó, em vez de Esaú (Gn 25.23); José, em vez de Rubem (Gn 48.21,22; 49.3,4); Efraim, em vez de Manasses (Gn 49.14-20; Gideão, em vez dos irmãos dele (Jz

6.11 -16) e Davi, em vez dos irmãos dele (I Sm 16). Deus ensina que o fato de alguém ter primazia entre os homens não significa ter primazia com Ele. A escolha de Deus tem por base a sinceridade, pureza e amor, e não da sua posição na família. O livro dos salmos é rico em citações alusivas à grandeza de Efraim: "Efraim é a força da minha cabeça; Judá é o meu legislador" (SI 108.8).

José, pelos motivos que já expusemos diversas vezes, tinha um lugar especial na escala de valores de seu pai Jacó. Finda a oração com que abençoou a Efraim e Manassés, Jacó tem "uma palavra muito expressiva para seu amado filho José. Na qualidade de homem de Deus e consciente das promessas infalíveis do Senhor, Jacó sabe que depois de certo tempo, sua descendência voltará a Canaã, a terra que fora dada a Abraão. "Depois disse Israel: Eis que eu morro, mas Deus será convosco, e vos fará tornar à terra de vossos pais" (Gn 48.21). Mais uma vez José é agraciado com uma bênção maior que a de seus irmãos. Em Canaã, seu pedaço de terra será mais amplo que o de seus irmãos. Para comprovar o cumprimento de tal palavra, é só somar as terras de Efraim e Manasses e compará-las com as terras de todas as outras tribos. Vale a pena ministrar a bênção sobre filhos e netos e ver a confirmação de Deus com Sua mão de poder. O escriba que escreve as crônicas do povo de Israel é enfático ao afirmar que, face ao pecado de Rubem, o filho mais velho de Jacó, a primogenitura foi dada a José. A tribo de Judá haveria de prover o Príncipe de Israel, mas a primogenitura, na mente de Jacó, é de José, o filho amado. O caráter de José e o desígnio de Deus, colocaram-no como verdadeiro pastor, líder espiritual de seus irmãos, fato comprovado pelo legislador Moisés quando abençoava as tribos de Israel, afirmando que José tem a benevolência do que habita na sarça e que ele foi separado de seus irmãos. "A bênção venha sobre a cabeça de José, e sobre o alto da cabeça do que foi separado de seus irmãos," (Dt 33.16).

25
JACÓ ABENÇOA OS FILHOS

Antevendo o momento de seu desenlace e na esperança que nutria sua alma, Jacó convoca uma reunião de todos os seus filhos e dá-lhes a bênção individual. Lendo e analisando as bênçãos proferidas naquele momento emocionante, podemos ver que Jacó, além de abençoar, profetizou amplamente sobre o futuro daqueles filhos e das tribos que constituíram. O Capítulo 49 do Gênesis é uma enciclopédia de predições que ao longo da história israelita se cumpriram e que são objetos de nossa profunda admiração. Nessa ocasião, Jacó proferiu fatos referentes a Jesus, sua glória e sua salvação (Gn 49.8-10).

Passo ao leitores uma breve análise das bênçãos proferidas por Jacó a cada filho, reservando um espaço maior para José. Observe-se que todos receberam uma menção do pai Jacó, na ordem de primogenitura. Ocuparemos algumas linhas para cada irmão de José. É importante observar que José foi o que recebeu maior quantidade de palavras, seguido de perto por Judá, o ancestral do nosso glorioso Salvador Jesus. Vejamos o relato do capítulo 49 do livro do Gênesis:

Rubem:- O filho mais velho de Jacó e Léa. Por direito adquirido, seria dele a primogenitura e a primazia da liderança, honra e autoridade. Por causa de seu ato imoral relatado em Gn 35.22, deitando-se com a concubina de seu pai, Bila, Rubem foi reprovado e sua tribo nunca atingiu preeminência. Este ato clamorosamente desonesto foi amplamente contrastado por outro ato, onde demonstrou sentimento humanitário a favor da vida de José. "E ouvindo-o Rubem, livrou-o das suas mãos, e disse: Não lhe tiremos a vida" (Gn 37.21). A degeneração do caráter pode destruir uma pessoa para sempre de posições de liderança. Jacó referiu-se a Rubem, durante a ministração da bênção aos filhos, como inconstante, à semelhança da água. É valioso lembrar que Data e Abirão, que se uniram a Core na rebelião contra Moisés, eram filhos da tribo de Rubem. Quando da posse da terra de Canaã, a tribo de Rubem contentou-se em ficar aquém do Jordão, demonstrando desinteresse por amplas bênçãos de Deus. Os rubenitas não tomaram parte na guerra contra o exército cananeu, comandado pelo general Sísera, e por isso, no cântico de Débora, tiveram desabonadora referência, (Jz. 5.16,17). A perda da primogenitura para Rubem, a exemplo de Esaú, teve um preço muito alto. Não vale a pena perder a primogenitura da salvação por nada desta vida.

Simeão e Levi:- Jacó chama ambos os filhos de violentos e desumanos. O relato do capítulo 34.25-31 é exato em dimensionar as atitudes destes dois irmãos de José. Eram do tipo que "não levam desaforo para casa" e por isso abateram todos os homens da cidade de Siquém, a fim de vingar a honra da irmã Diná. O pai Jacó sempre reprovou a conduta de Simeão e Levi. Por causa do posicionamento de lealdade ao Senhor por parte dos levitas, a maldição foi removida, sendo-lhes concedida uma bênção e uma posição de honra. Concluímos daí que as maldições pronunciadas pela boca de um pai ou de sua família podem ser aniquiladas mediante o arrependimento e a fé em Deus por parte dos filhos (Ez. 18.1-9). É notável que as tribos deles não receberam terras na divisão de Canaã, ficando espalhados entre seus irmãos. Efraim e Manasses receberam a terra deles. A tribo de Levi foi escolhida por Deus para o ministério sacerdotal, sendo Arão o primeiro sacerdote.

Judá:- Seus atos descritos no capítulo 38 do Gênesis pouco o recomendam para ter a supremacia diante de seus irmãos. Na concepção humana, nunca aceitaríamos que um homem do caráter de Judá pudesse ser o ancestral do Senhor Jesus, mas foi Deus quem fez assim pela Sua indiscutível soberania. A Judá pertence o louvor de seus irmãos. São palavras do pai Jacó, usado por Deus na qualidade de profeta. "Os filhos de teu pai a ti se inclinarão," (Gn 49.8-12). À tribo de Judá coube dar ao mundo o Messias. É importante observar que o cetro nunca se afastou da mão de Judá. A bênção outorgada a Judá indica que os direitos da legislatura lhe foram concedidos, e portanto, as bênçãos prometidas a Abraão. Judá proveu o verdadeiro legislador de Israel, Cristo, nosso Senhor. Deus prometeu a Abraão que todas as famílias da terra seriam abençoadas mediante seu servo e isso cumpriu-se, integralmente, através do mais ilustre filho e descendente de Abraão, o Senhor Jesus Cristo, a verdadeira alegria dos homens. " Judá terá o cetro até que venha Silo...," (Gn 49.10), significando que os descendentes de Judá governariam até que venha o Messias vindouro, Jesus Cristo, que veio da tribo de Judá. O patriarca Jacó profetizou que todos os povos lhe seriam sujeitos e que Ele traria grandes bênçãos espirituais. "Deus nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo," (Ef. 1.3).

Jesus é digno do louvor de todas as nações. Adoramos a Ele aqui na terra e continuaremos a fazê-lo na glória. "E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno é o Cordeiro...," (Ap. 5.9,10). Judá, o filho de Jacó, é apenas um leãozinho. mas de sua linhagem nasceu o verdadeiro e ousado Leão da tribo de Judá. "Não chores: eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu, para abrir o livro e desatar os seus sete selos," (Ap. 5.4-6). O rei sempre deveria proceder de Judá e isso tornou-se patente com a elevação de Davi ao trono de Israel e com reflexo escatológico quando o próprio Senhor Jesus se assentará no trono do reino milenial, vindo do céu com a inscrição no seu vestido e na sua coxa: Rei dos reis, e Senhor dos senhores.

Zebulom:- Jacó profere a seu filho Zebulon a bênção da defesa do território. Passa-nos a idéia de que o pai entregou o Ministério da Defesa a essa tribo valorosa. Zebulom seria o morador dos portos, isso numa época em que esses locais eram os mais visados numa batalha entre nações, as quais não conheciam aviões nem mísseis. Na batalha de Israel contra o povo cananeu liderado por Sísera, Débora reconhece o valor dessa tribo (Jz 4.6; 5.18) quando entoa seu cântico nas seguintes palavras: "Zebulom é um povo que expôs a sua vida à morte...."

Issacar:- Jacó profere a bênção a esse filho, reconhecendo que Issacar era pacato em seu proceder e que estaria sempre debaixo de tributo de seus irmãos. Biblicamente, a tribo de Isaacar nunca teve destaque no reino de Israel. Era um povo pacífico. Foi usado por "besta de carga" por seus próprios irmãos.

Dã:- Seu próprio nome significa julgar. Jacó abençoa a Dã profetizando que será uma tribo com dom de julgamento, com poder para julgar. Dessa tribo. Deus levantou o juiz Sansão, o qual pelejou contra os filisteus. Não fosse a infantilidade e seu pecado com Dalila, poderíamos ter em Sansão um dos mais admirados nomes da literatura bíblica. O pai Jacó fala da bravura da tribo de Dã, comparando-a a uma serpente que fica junto ao caminho esperando passar o cavaleiro. No momento certo, ataca, e o cavalo derruba o cavaleiro, predizendo, assim, as atrocidades praticadas por Sansão durante seu juizado de 20 anos, (ateia fogo na seara de trigo dos filisteus, armado de uma queixada de jumento mata 1000 homens de uma só vez e no último momento de sua vida, derruba o templo de Dagom).

Gade:- Pouco sabemos dessa tribo, senão que primeiramente seria invadida por inimigos, mas depois triunfaria sobre os adversários. O significado de seu nome é bastante singular: "Fortuna". É um filho, cuja tribo, sempre foi muito fiel a Deus, recebendo na partilha uma vastidão de terras, (Veja o mapa da divisão das terras). No território de Gade, havia uma cidade de refugio.

Aser:- Seu nome significa "feliz". Era tão feliz como acomodado. Jacó profetizou que o pão de Aser será abundante. "De Aser, o seu pão será abundante, e ele dará delícias reais," (Gn 49.20). Na batalha de Baraque e Débora contra os cananeus, a tribo de Aser ficou repousando em casa. Era feliz, conforme seu nome. "Aser assentou-se nos portos do mar, e ficou nas suas ruínas," (Jz 5.17b). Seu território era próprio ao cultivo de oliveira, com abundância de azeite. Seu pai disse que Aser daria delícias reais. Por ser grande produtor de azeite, a tribo de Aser sempre foi supridora das despensas dos palácios reais.

Naftali:- Jacó viu em Naftali um poeta em potencial, homem de palavras formosas. Não há maiores informações no texto sagrado a respeito da tribo de Naftali que, possivelmente, destacou-se com descendentes de grande valor no cenário poético e na oratória.

Benjamin:- Nada disse Jacó a respeito do futuro dos filhos de Benjamin. Dessa tribo foi escolhido o primeiro rei de Israel, Saul. Dela também proveio o apóstolo dos gentios, Paulo. A tribo de Benjamin, quanto à sua localização geográfica, foi muito privilegiada, ficando entre Judá e Efraim. Moisés proferiu uma das mais belas predições a respeito dessa tribo: "E de Benjamin disse: O amado do Senhor habitará seguro com ele; todo o dia o cobrirá, e morará entre os seus ombros" (Dt 33.12).

José:- O décimo primeiro filho de Jacó é objeto das maiores bênçãos que um pai pode impetrar sobre um filho. Se os pais de nossos dias pudessem aquilatar o valor de cada palavra de Jacó, poderíamos entender por que há tanto desinteresse pela bênção de Deus nos lares modernos. No momento em que o patriarca voltou-se para José, aquelas palavras atingiram em cheio a alma do governador e perduraram no coração de José. Ouçamos com o mesmo silêncio do quarto de Jacó. o que José ouviu dos lábios do velho pai:- "José é um ramo frutífero" - Não era apenas um ramo. Não era apenas mais um ramo, tinha folhas, flores e frutos. José era uma ramo ligado na Videira. um ramo limpo para dar mais fruto. Não era limpo por sua própria justiça, mas porque Deus o conservara pelo poder de sua Palavra (não escrita, mas revelada). José frutificava no lar de Jacó com sua conversa agradável de jovem obediente e amoroso; José frutificava no caminho ao Egito, quando os mercadores ismaelitas viram-no como objeto de lucro grandioso (frutificou na bolsa de valores da venda de escravos); José frutificava na casa de Potitar, quando as bênçãos de Deus repousavam copiosamente sobre a casa daquele capitão; José frutificava quando, agarrado pela sensual e ímpia mulher de Potifar, fugiu para não pecar contra o Senhor; José frutificava no cárcere, trazendo inspiração a seus companheiros de infortúnio. Não importava o lugar. José era um ramo frutífero. Sabia ele que. na qualidade de ramo ligado à Videira. tudo o que pedisse a Deus. Ele o atenderia (Jo 15.1;7b).

"Ramo frutífero junto à fonte". Não era José um ramo que produzisse fruto em certas estações do ano. um ramo que ficasse murcho pela sequidão do tempo. José era um ramo plantado junto à fonte. Fonte que ameniza o calor da tribulação, o sofrimento, a orfandade materna e a saudade da casa do pai. José tinha fruto em qualquer situação,

porque as raízes de seus ramos banhavam a fonte. Caminhemos em direção ao Novo Testamento e vejamos as palavras de Jesus, a verdadeira fonte de água viva: "E no último dia, o grande dia da testa. Jesus pôs-se em pé e exclamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu interior" (Jo 7.37-38). 0 viver de José com ramos plantados junto à fonte podem muito bem nos convidar a ter uma vida de vitória junto à Fonte que Deus preparou nesta dispensação da Graça.

"Ramos que correm sobre o muro." José possuía em abundância as bênçãos dos céus. as quais extrapolavam sua própria vida e servia de alento àqueles que o cercavam. Os ramos de José não tinham frutos exclusivamente para si, mas corriam sobre o muro e saciavam os vizinhos, os parentes, a corte de Faraó. Enquanto observamos pessoas que aparam os ramos de suas árvores frutíferas para não estar ao alcance de seus vizinhos. José deixava que os ramos de sua vida abençoada ultrapassassem as barreiras de sua casa e servissem de mantimento àqueles que deles necessitassem. Que tipo de ramo somos nós ?

"Os flecheiros lhe deram amargura, e o flecharam, e o aborreceram.'" Aqui Jacó descreve os muitos sofrimentos que José experimentou em mais de uma década. Se não fossem os desígnios de Deus, José poderia dizer que aquela foi uma década perdida. Para quem não compreende os propósitos de Deus, e contássemos a história de José antes de subir ao trono de governador, dir-nos-ia que aqueles anos foram tempos perdidos; porém, de posse da revelação da palavra de Deus, sabemos que foram os anos da preparação de uma vida para a salvação de um povo. de uma nação e para a concretização de um propósito salvador. Os flecheiros de José começaram ainda dentro de casa. Foi no próprio ambiente familiar que as flechas amarguraram o espírito daquele moço. A seguir, as flechas machucaram-no quando a túnica, presente ímpar de um pai, é tomada e José enfrenta a cova da tristeza e do abandono. Continuam flechando-o no caminho de Canaã ao Egito, na mão de traficantes de homens. A flecha atinge a alma de José quando não tem o direito de explicar a Potifar a versão verdadeira do assédio da mulher do capitão para com ele. Ainda tem que enfrentar as flechas do ambiente carcerário. Não obstante fosse líder entre os presos, a condição de José não era confortável. Encontramos no cotidiano pessoas que se candidatam a direitos e privilégios, porém, negam a pagar o preço. José pagou o preço com sua prova e alcançou a posição de destaque. Aquele ambiente do cárcere deu a José amargura e aborrecimento, mas foi ali que Deus trabalhou na sua vida, impelindo-a para grandes re-alizações no Seu reino. Já aprendemos a admirar as palavras do hino: "Os mais belos hinos e poesias foram escritos em tribulação. E do céu, as lindas melodias se ouviram na escuridão," (HC 126). Às vezes, as palavras do hino vêm do âmago da alma e das profundezas do coração. Concluímos com a observação sempre válida e tão acertada: "Os mais lindos arcos poderam nos valer."

"O seu arco, porém, sustevel-se no forte, e os braços de suas mãos foram fortalecidos pelas mãos do Valente de Jacó," (Gn 49.24). É comum ouvirmos que a melhor defesa é atacar, porém vamos aprender algo com José a respeito dessa tática. Vimos que José foi alvo de flechadas marcantes que não só atingiram seu corpo físico, mas seu espírito e sua alma. O segredo da vitória de José é que seu arco de defesa tinha um sustentador especial. O próprio Deus encarregava-se de suster o arco de seu servo. José não abraçava o problema e a afronta como se fossem diretamente a ele, mas tinha o Senhor Deus na vanguarda e retaguarda de sua vida. "Deus é o que me cinge de força e aperfeiçoa o meu caminho. Adestra as minhas mãos para o combate, de sorte que os meus braços quebram um arco de cobre" (SI 18.32,34). José, à semelhança de Davi. sabia de onde provinham suas vitórias. Quando Deus toma a defesa de seu povo, não há

porque temer. E deixar o arco na mão dEle e esperar sua intervenção. Na angústia que tomou o povo de Judá ao deparar com os moabitas, amonitas e os moradores da montanha de Seir, Deus levanta Jaaziel, seu servo, e ordena que a estratégia da batalha vai mudar naquele dia. E bom quando o Senhor dá as coordenadas de nossas lutas. Jeosafá, o rei de Judá, é orientado a colocar o povo em louvor a Deus. Os inimigos são desbaratados mediante o louvor. O arco sustentado em Deus sempre conduz a caminhos de bênçãos.

Os dias apostólicos também foram caracterizados por vitórias retumbantes pelos tementes a Deus. Lembra-nos a história da pregação de Paulo e Silas na cidade de Filipos, enviados àquela cidade por uma visão missionária. Após expulsar o demônio que possuía uma jovem daquela cidade, os apóstolos são levados ao cárcere. São açoitados e amarrados ao tronco, mas aqueles servos de Deus tinham o arco sustentado na Majestade do Senhor. Os corredores escuros da cadeia não dão espaço para que eles pudessem recorrer da sentença imposta pelas autoridades, mas Paulo e Silas "colocam o arco" nas mãos de Deus e, perto da meia-noite, oravam e cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam, (At 16.25). Não sabemos as melodias que José entoava no cárcere do palácio real, mas não podemos negar que José assim o fazia, ensinado que sempre fora pela piedosa mãe Raquel. O segredo da vitória em qualquer luta desta vida está na maneira como usamos as estratégias que Deus nos concede. Com Paulo e Silas, aprendemos que podemos orar e cantar.

"Pelo Deus de teu pai, o qual te ajudará, e pelo Todo-Poderoso, o qual te abençoará com bênçãos dos céus de cima, com bênçãos do abismo que está debaixo, com bênçãos dos peitos e da madre." José é abençoado com bênçãos de toda a sorte. Tem bênçãos de cima e de baixo, bênçãos materiais e espirituais. Causa-nos grande emoção tomar conhecimento da força das palavras de Jacó ao ministrar bênçãos a José. mencionando as bênçãos dos peitos e da madre. A referência aos peitos fala de sustento, de provisão. Quanto à madre, ali está o órgão que gera a vida. Inúmeras ocorrências na Bíblia fazem referência de que Deus é quem abre a madre. (Gn 25.21 -1 Sm 1.20). O profeta Jeremias recebeu uma palavra encorajadora do próprio Deus, quando ouviu: "Antes que saísses da madre, te santifiquei: às nações te dei por profeta" (Jr 1.5), e ainda a menção da profecia de Isaías, quando diz: "O Senhor me chamou desde o ventre, desde as entranhas (madre) de minha mãe, fez menção do meu nome," (Is 49.1). Parece que Jacó já previa que as nações em épocas futuras não valorizariam o fruto do ventre e não teriam bênçãos da madre, como ele proferia com relação à geração de José. Vale uma reflexão para os dias hodiernos quando a vida intra-uterina é tida como um acidente e plenamente descartável. A profecia de Isaias é uma prova irrefutável da não permissão de Deus para o aborto provocado, visto que Deus nos conhece desce o ventre, desde as entranhas da madre, podendo até nos nomear. "Pois possuístes os meus rins; entreteceste-me no ventre de minha mãe, ... maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem. Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado, e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe...," (Salmo 139.13-16). Pelo fato de sermos abençoados desde a madre, é que você tem a oportunidade de estar lendo estas páginas, podendo glorifícar ao Senhor em não ter sido descartado como objeto de segunda categoria. Deus cuidou de você, com as bênçãos dos peitos e da madre. Você está vivo! Só a título de ilustração vem à nossa lembrança casos recentes de mães despudoradas que, mediante promoção da mídia, colocam os produtos da madre em jogo. Uma inglesa, grávida de gêmeos, biblicamente, uma bênção, alegando impossibilidade de criar ambos os filhos, resolveu abortar um deles. Ao deparar com o objeto da morte, certamente ambos os fetos revidaram e tentaram, a todo modo, escapar da fúria daquele

instrumento cruel, mas não puderam vencê-lo e um deles foi sacrificado. Aquela mãe não possuía as bênçãos da madre, tal qual a que fora ministrada a José. Um psiquiatra, conhecido nacionalmente, relata que um aborto provocado é uma tortura sem precedentes, pois o feto em geração é um ser vivo e consciente e no momento de sua retirada, luta desesperadamente para evitar seja absorvido pela morte. Quem pensa que Jacó, em face de sua provecta idade, estava já delirando em proferir palavras tão fortes a seu filho José, descobre que Jacó, mais que um simples homem à beira da morte, é um profeta de nossos dias. Leia o Salmo 113: "O Senhor abre a madre...."

"As bênçãos de teu pai excederão as bênçãos de meus pais, até à extremidade dos outeiros eternos; elas estarão sobre a cabeça de José, e sobre o alto da cabeça do que foi separado de seus irmãos," (Gn 49.26). Por que Jacó pensa assim tão grande a respeito de José. alegando ter recebido de seus pais uma bênção menor do que a de José naquele momento? Resposta: As bênçãos que José recebia naquele encontro de família eram bênçãos espontâneas de um pai consciente, dotado de dons proféticos e sem sutileza. Jacó não tivera uma bênção assim de seu pai Isaque. A bênção que ele "arrancou" de seu pai Isaque foi fruto de fraude, engano e sutileza. Foi uma bênção desconfiada. Foi atrás da porta. Foi com o corpo alterado, consciente, abalado, voz embargada e roupa surrupiada. Mas a bênção de Jacó para José foi espontânea, graciosa e escatológica. É aqui que aprendemos as grandes diferenças entre o caráter de Jacó e seu filho José. Jacó, o esperto, o filho que almejava ser abençoado e para isso corria qualquer risco. José, o filho que ficou na plena e gloriosa dependência de Deus e que, no tempo devido, foi graciosamente abençoado pelo pai e por Deus, que não nega bem algum aos que andam na retidão.

As bênçãos que Jacó impetra sobre o filho José não se limitavam apenas aos limites da terra, mas alcançariam a extremidade dos outeiros eternos. Eram bênçãos a prevalecer ainda na eternidade. Há muitos mistérios ainda não revelados inteiramente à Igreja de Cristo. "As coisas encobertas são para o Senhor nosso Deus, porém as reveladas são para nós e para nossos filhos para sempre, para cumprirmos todas as palavras desta lei" (Dt 29.29 -1 Co 13.9,10). No porvir, entenderemos completamente os desígnios de Deus. A provisão do povo hebreu pela intervenção de José como governador do Egito, traz-nos à luz a provisão da salvação através de Cristo, descendente daquele povo. A morte viçaria de Jesus na cruz do Calvário tem salvado vidas que só conheceremos na eternidade. As bênçãos ministradas pelo patriarca Jacó atravessam séculos e milênios para encontrar eco na vida eterna de todos aqueles que habitarão na glória.

"As bênçãos estarão sobre a cabeça de José e sobre o alto da cabeça do que foi separado de seus irmãos."

Apesar da idade e da visão cansada. Jacó possuía um conhecimento da maneira como Deus ministra o derramamento de sua bênção sobre seus filhos. A bênção estaria sobre a cabeça de José. É justamente na cabeça onde a bênção deve ter primazia. O governo do corpo está na cabeça e ali estão a visão, a audição, a fala, a percepção olfativa, a mente. "Mas nós temos a mente de Cristo," (I Co 2.16). O primeiro lugar para ser alvo da bênção é a cabeça. "E como óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão e que desce à orla de seus vestidos," (SI 133.2).

Convido o leitor a pensarmos um pouco na necessidade que os filhos têm da bênção dos pais. O povo hebreu é um exemplo nesta matéria. Tomei conhecimento, recentemente, de uma mãe judia que passeava pelo jardim com seus dois filhos menores. Ao ser inquirida sobre a idade daqueles pequenos filhos, a mãe prontamente

respondeu: "A médica tem 5 anos e o engenheiro tem 4." Desde a tenra idade, aquelas crianças recebiam uma palavra de bênção de seus pais. Outros filhos, lamentavelmente, não podem ouvir previsões assim tão belas. São xingados e amaldiçoados pelos próprios pais que os encaminham à vida depravada, num mundo tão cruel que vivemos.

26
A MORTE DE JACÓ E DE JOSÉ

Após proferir as últimas bênçãos aos filhos, Jacó morre. É aqui que encontramos mais algumas qualidades do caráter de José. Na qualidade de governador e com as regalias que seu cargo lhe proporcionava, José consegue autorização expressa de Faraó para proceder ao funeral de seu pai Jacó, levando-o para a terra de Canaã, no mesmo lugar onde foram sepultados os seus pais, ou seja, em Hebron. Como prova de uma vida pós-túmulo, o escritor sacro declara que Jacó, ao falecer, foi congregado ao seu povo. Vemos, nesta declaração, uma prova de que nossos pais sabiam de uma vida no porvir, de uma existência além da morte. Hoje, mediante Cristo e sua ressurreição, todos os salvos partem deste mundo com a mais irrefutável confiança de que "agora somos filhos de Deus, mas quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como Ele é, o veremos," (I Jo 3.2). Os irmãos de José são tomados pelo temor de que, a partir de então. José os fosse tratar de forma grosseira, tendo em vista que Jacó, o pai da família, já tivesse morrido. Fazem uma reunião, onde todos rogam o legítimo perdão de José por todos os atos de selvageria praticados contra o irmão. Lembraram, naquela oportunidade, do ódio que nutriam contra José, como bruscamente arrancaram sua túnica, como o colocaram na cova da amargura e pela venda aos mercadores ismaelitas há mais de três décadas. Chegam ao ponto de todos se prostrarem diante de José e se apresentarem na condição de servos, (Gn 50.17,18). Diante de tais palavras, José chora e honra a Deus, recusando aceitar seus próprios irmãos na condição de servos. Alega José que não está no lugar de Deus e que tudo o que ocorreu em sua vida teve um propósito do Senhor na conservação do povo hebreu. Deus tinha tornado o mal em bem, (Rm 8.28).

A vida de José foi de 110 anos. Antes de sua morte, faz os filhos de Israel prometerem, sob juramento, que ao saírem do Egito levariam seus ossos para Canaã. Oh! esperança inefável. José tinha certeza de que Deus os traria de volta à terra prometida. "E José fez jurar os filhos de Israel, dizendo: Certamente, vos visitará Deus e fareis transportar os meus ossos daqui," (Gn 50.25). Seus ossos não poderiam ficar sepultados em terra egípcia. Interessante notar que o sepultamento de Jacó ocorreu em Siquém, na terra de Hebrom, imediações onde vivia antes de ir ao Egito e palco da conspiração dos irmãos de José. Naquele enterro, muitas consciências afloraram diante de lembranças tão amargas com respeito ao ocorrido com o irmão José.

93 anos foi o tempo que José viveu no Egito. Assim termina a história do Gênesis: um caixão no Egito, o caixão de José. A história do Apocalipse termina de forma gloriosa e imponente: "A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós" (Ap 22.21).

A história de José revela como os descendentes de Jacó vieram a ser uma nação dentro do Egito. Nos capítulos iniciais do livro do Êxodo, podemos avaliar que o número deles ultrapassasse dois milhões de pessoas.

No final de sua carreira, José deixa a vida política do reino egípcio e fica no seio da família. Em virtude de seu cargo e importância que teve no reino do Egito, José poderia optar por um sepultamento honroso, mas preferiu ser sepultado na terra de Canaã, onde já estavam Abraão, Sara, Isaque, Leia e Raquel. No livro de Josué (Js 24.32), há o relato que José foi sepultado na terra de Siquém, o campo comprado por Jacó, e ao olharmos a divisão das terras de Canaã entre as tribos, veremos que a sepultura de José deu-se exatamente nas terras herdadas pela tribo de seu filho Efraim.

Esta é a vida de um homem resignado. Moralmente, José foi superior a Abraão,

Moisés e Davi. Talvez não tenha experimentado as experiências de Jacó, mas José mostra uma espiritualidade que não encontramos em seu pai. Homem de eminente virtude, de admirável prudência e que usou do poder com moderação. José é um dos grandes personagens bíblicos que sempre soube tirar forças da fraqueza.

Certamente, você admira José e gostaria de ser tal qual ele foi. Porém, o caminho dos que triunfam passa pelas mesmas experiências desse homem. As marcas da estrada de José foram a revolta de seus irmãos contra ele, a túnica tomada, a companhia dos traficantes de escravos, a calúnia da ímpia mulher e o cárcere não merecido.

Não adiantaremos o capítulo seguinte sem antes extrairmos lições 'importantes e resumidas a respeito da vida de José. Dentre todas as provas enfrentadas, três delas se destacam na existência de José: 1) a prova da pureza pessoal, prova essa que os jovens freqüentemente enfrentam quando estão longe de casa; 2) a prova da oportunidade de vingança, uma prova por que, freqüentemente, passam as pessoas que sofreram injustiças; 3) a prova de encarar a morte, quando José esteve injustamente na prisão. Só um homem dotado de uma fé irrestrita e confiança inabalável em Deus pode triunfar nessas circunstâncias.

Em toda a leitura deste livro, talvez o leitor tenha questionado a dura prova que se apresenta no dia-a-dia, sabendo, certamente, os desafios que o amanhã reserva para cada um de nós; mas, ao sabermos que José venceu todas as provas nas piores condições de degradação a que se possa submeter o ser humano, podemos esperar que, no tempo certo, o Espírito do Senhor arvorará a sua bandeira a favor de cada servo de Deus.

Para que o nosso coração seja amplamente instruído acerca do relato bíblico, discutido neste livro, retiremos para nós, pais, filhos, avós, irmãos, quatro lições que jamais deverão ser esquecidas:

1) Entender que os pais jamais devem fazer distinção entre os filhos, ou seja, demonstrar que gosta mais de um do que do outro.

2) Compreender que os irmãos de José não conseguiram matá-lo, pois Deus tinha um plano especial para a sua vida.

3) Concordar que, se tivesse cedido à tentação na casa de Potifar, José teria perdido a bênção de ser o segundo mandatário do Egito.

4) Concluir que, para recebermos uma bênção divina, somos primeiramente provados, a fim de fazermos jus a ela.

27
JOSÉ - NOSSO CONTEMPORÂNEO

O que poderão as provas de José ensinar à nossa geração ? Será que alguém, em nossos dias, poderá experimentar as mesmas angústias de José e suas conseqüências ?

Provações todos temos. O texto bíblico deixa-nos claro que é "feliz o que sofre tentação; porque quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam," (Tg 1.12).

E somente o ouro pode resistir ao fogo da provação. Através do profeta Isaías, o Senhor Deus identifica suas maneiras de provar seus servos: "Eis que te purifiquei, mas não como a prata; provei-te na fornalha da aflição," (Is. 48.10). O ouro é o mais precioso dos metais, e Deus não se interessa em provar ferro, lata, bronze. José era ouro do melhor quilate e resistiu ao fogo da provação. José já antevia as palavras dos Provérbios, aplicada a qualquer pessoa que enfrente adversidades e provas: "Se te mostrares frouxo no dia da angústia, a tua força será pequena," (Pv 24.10).

Só deverão ser provados os homens de sublime ideal. Os desleixados, os incautos e imprevidentes, nunca suportariam a prova enfrentada por José. A prova é destinada aos melhores e estes não soçobram ante a adversidade e a tribulação desta vida.

Aprendemos com as provas na vida de José que, às vezes, Deus deixa acontecer coisas que parecem destruir nossas esperanças e nossos sonhos. A contrariedade dos irmãos, a perda da túnica, os momentos que passou na cova, a venda ao Egito, a prisão injusta, parece terem colocado um fim aos sonhos de José; todavia, tais fatos apenas confirmavam os desígnios de Deus, objetivando colocar seu servo em posição de destaque no governo do Egito. Salutar seria que cada servo de Deus aprendesse essa lição.

O leitor, por certo, já enfrentou situação idêntica à de José. Os próprios familiares o recriminam, os amigos próximos criam injúrias e calúnias que o atingem frontalmente; entretanto, o futuro depende da maneira como você enfrenta tais situações. A vitória na vida de José só aconteceu porque ele entendeu que Deus estava no controle de todas as coisas. José conseguiu, em todas as provas, tirar forças da fraqueza. De um fato triste, José o fazia converter em bênção de Deus. Com José, aprendemos a confiar inteiramente na soberania do Eterno Deus. Ou vencemos como José, ou naufragamos como Rubem.

Se José venceu naqueles dias, onde não dispunha de uma revelação escrita acerca de Deus, não possuía uma Bíblia onde pudesse refugiar-se em meio às suas páginas, somos hoje privilegiados, porque, em meio às tribulações da vida e às provas oriundas de Deus, temos o conforto da Palavra revelada, a Bíblia. E não somente isto: possuímos, em profundidade, a presença consoladora do Espírito Santo, nosso Amigo e Companheiro fiel na caminhada que demanda ao céu. O Espírito Santo que nos guia, nos consola, nos anima, nos conforta e, diante da dura prova, "intercede por nós com gemidos inexprimíveis," (Rm 8.26).

Deus tem uma finalidade toda vez que submete um servo seu à prova. E Ele. sendo fiel e justo, não deixará que qualquer de seus filhos, seja provado além do que poderá suportar. Assim foram as provas na vida de Abraão e de Paulo. Ninguém está isento de ser provado, mesmo com o maior tempo de serviço a Deus e total dedicação a Ele. Abraão tinha mais de 50 anos de peregrinação servindo ao Senhor, quando Deus resolveu prová-lo mais uma vez. Diz-nos o texto: - "E depois destas coisas, Deus provou a Abraão....," (Gn. 22.1a). É depois de muitas bênçãos recebidas de Suas mãos

que Deus tem interesse de provar nosso amor a Ele. Na caminhada espiritual, haveremos de ter provas até ao final da vida e as venceremos com o poder da Palavra e do sangue de Jesus. O apóstolo Paulo passou grandes provas já no final de seu profícuo ministério. O relato emocionante da segunda Carta a Timóteo bem focaliza os momentos finais da carreira de Paulo. Preso, a um passo da morte, sentia o desamparo de seus companheiros, não tinha um defensor para fazer-lhe a defesa diante das autoridades, porém, sentia o refrigério da presença do Senhor (II Tm 4.6-18). Foi um vencedor, porque alcançou boa nota na prova. Já é tempo de sabermos as notas que estamos conseguindo nas avaliações de Deus. "Examinai-vos a vós mesmos, se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos.....Mas espero que entendereis que nós não somos reprovados," (II Co 13.5,6).

O comportamento de José traz uma lição da maior valia ao sistema carcerário em todo o mundo, mormente em nossos dias de tanta inquietação. Apesar de estar injustamente no cárcere do palácio real, pois não havia praticado nenhum delito, seu temperamento é sereno. Estava ali "de graça". Todavia, não liderou rebeliões ou fugas em massa. O Espírito que habitava José o levava a enfrentar com resignação todas as adversidades do dia-a-dia.

Aprendamos nos exemplos da Bíblia que poderemos, mesmo cercados pelas provas, a ver o cumprimento dos desígnios de Deus em cada um de nós.

28
JOSÉ - O JOVEM

Por inspiração, resolvi reservar um capítulo especial para tratar com os jovens e os ensinos que poderão ser aproveitados com a vida de José. Poderão os jovens de nossos dias espelhar suas vidas no exemplo de José ? Certamente que sim.

A Bíblia fala-nos do nascimento de José e já nos leva à sua adolescência e juventude. Tinha 17 anos quando assumiu textualmente a história do povo de Deus, uma vez que sua vida ocupa 13 longos capítulos do Livro do Gênesis.

José é um jovem singular e personagem da maior importância na vida de seu povo. Seus sonhos ocorreram na sua mocidade. Não eram sonhos normais, mas visões claras de Deus com respeito ao futuro de sua família e da nação que haveria de se formar dela. Nos sonhos de José, estava implícita a história da nação de Israel. Deus estava presente nos sonhos do moço. Fica para a presente geração o ensino de que um sonho, um ideal, só tem valor perene se Deus fizer parte dele. Se o ideal de qualquer jovem não magnifícar a Deus e produzir o louvor do Seu nome, trará apenas a glória deste século.

Não obstante distar-nos aproximadamente quatro mil anos da existência de José, é plenamente concebível acreditar que o jovem da atualidade também tenha um sonho e alimente um ideal em sua vida. José fez de seus sonhos um mapa de sua vida e por isso, mesmo diante das maiores adversidades e provas, venceu triunfantemente os males de sua época e foi elevado por Deus a uma posição de destaque. José era o jovem que colocava os seus sonhos em evidência no cotidiano. Chegava a ser imprudente ao contar os sonhos aos irmãos. Acordava com os sonhos e deitava-se com eles. Era o assunto de todos os momentos.

José, muito jovem ainda, buscou a realização dos sonhos que Deus lhe havia dado. Ele tinha um alvo, um desejo, um sonho. O apogeu da história de José começou dentro de um poço, de uma cova. Não sabemos quanto tempo ali permaneceu, mas, certamente, o coração de José pulsava pelos sonhos que tivera. A cova nunca deve ser o destino de um jovem destemido, mas apenas uma escala em direção à bênção. Se você, jovem, passa pela cova, lembre-se do sonho para sua vida e peça a intervenção de Deus.

José é mencionado na Bíblia com uma idade bastante interessante. 17 anos é a encruzilhada da existência, tempo de tomar decisões importantes, que servirão de bússola para o resto da vida. Sai a convocação para o serviço militar, precisa entrar no mercado de trabalho, escolher uma faculdade. Apesar da pouca idade, José era um jovem altamente preparado para essas coisas, mas teve que seguir outro caminho: o exílio e o cárcere. Precisou tirar forças da fraqueza para, de encarcerado, tornar-se o governador do Egito, a segunda posição na hierarquia no reino egípcio.

Na vida de José, encontramos, passo a passo, a conduta de um jovem exemplar. Era obediente a seu pai, servindo de modelo a seus irmãos mais velhos (Gn 37.2,13) e recebendo a tácita aprovação paterna. O caráter de José talvez fosse refinado pela formação que, desde o berço, teria recebido da mãe Raquel, morta prematuramente no parto de Benjamin.

Longe dos olhos da família e colocado como mordomo da casa de Potifar, o jovem José demonstra sua castidade, recusando-se a deitar-se com a mulher de seu patrão. Preferiu o castigo do homem do que macular sua consciência diante de Deus. A recusa custa-lhe caríssimo e sem que pudesse refutar a calúnia, o jovem José é preso, mas enfrenta serenamente a situação até o tempo da providência de Deus. A presente geração de jovens tem muito a aprender com José.

A vida de José dá-nos um informativo bíblico da autoridade espiritual com que enfrentou a sociedade egípcia. Os costumes eram bem diferentes da casa do patriarca Jacó. O vocabulário egípcio tinha suas licenciosidades. A religião egípcia diferia muito da fé no Deus de Abraão. Não obstante a tudo isso, José manteve-se um jovem temente a Deus. No presente século, o jovem crente precisa, do mesmo modo, apoderar-se da autoridade do Espírito Santo e da ousadia no precioso Sangue de Jesus, para vencer as tentações que o cercam.

O primeiro teste de José ao chegar ao Egito foi a identificação. Precisava ser diferente, sem ser esquisito. Afinal, era servo do Deus Altíssimo e precisava mostrar as qualidades de uma pessoa que confiava e temia a Deus.

A fuga de José para não prostituir-se com a mulher de Potifar é uma lição sublime em todo o tempo para a juventude atual. José era um jovem semelhante a todos os outros, tinha as mesmas paixões, mas preferiu resistir ao pecado. Certamente, José foi zombado pelo adversário: "Podias ter aproveitado a oportunidade, até parece que você não é homem"! A astúcia do diabo não mudou, mas diuturnamente, os jovens tementes a Deus o têm resistido, escudados na palavra de Deus.

O casamento do jovem José tem lições importantes. Sua mulher Asenate era gentia, mas, ao nascer os filhos do casal, José faz questão de chamá-los por nomes hebraicos e bastante significativos: Manassés e Efraim, reconhecendo, assim, o senhorio de Deus, vez que era uma tradição hebraica chamar os recém-nascidos por nomes ligados às circunstâncias da providência divina. Já crescidos, José sabe o caminho da vitória e leva-os para que o patriarca Jacó impetre a bênção sobre eles. Em tudo, José reconhecia a necessidade da bênção de Deus.

A juventude tem na Bíblia um guia por excelência. Escudados na Palavra de Deus e cobertos com o Sangue do Cordeiro, os jovens de qualquer época serão vencedores num mundo cada dia mais pecaminoso.

O que seria de José, ou mesmo do reino do Egito, do futuro da família do patriarca Jacó, se José não tivesse resistido ao pecado na casa de Potifar, se não tivesse a coragem de mostrar o Deus que ele possuia, se não soubesse tirar forças da fraqueza?

29
JOSÉ, UM TIPO PERFEITO DE JESUS

No decorrer das páginas anteriores, observamos, com muita intensidade, fortes indícios de grandes semelhanças entre José e o Senhor Jesus. Essas semelhanças são identificadas na Teologia por Tipologia Bíblica. Marsh assim definiu: "Um tipo é uma semelhança divinamente ordenada, pela qual pessoas, objetos e eventos celestiais são demonstrados pelos terrestres. Para que uma coisa seja tipo da outra, a primeira não só deve ter uma semelhança da segunda, mas, na sua instituição original, deve ter sido determinado que tivesse esta semelhança." Um anti-tipo é a realidade prefigurada pelo tipo. O anti-tipo é sempre superior ao tipo.

O próprio Senhor Jesus, em suas palavras, deu grandioso valor ao estudo dos tipos e símbolos bíblicos. Muitas vezes, o Senhor referiu-se a eles. Exemplo disso foi quando explicou a Nicodemos que. da mesma forma como a serpente foi levantada no deserto, importava que o Filho do homem fosse levantado, explicando aí como deveria ser sua morte no calvário. Olhar para a serpente produzia vida aos mordidos pelas serpentes ardentes, enquanto que olhar para a cruz de Cristo é encontrar vida com abundância, a vida eterna. Outro exemplo notório trata-se do tabernáculo erguido no deserto por Moisés, onde encontramos muitíssimas expressões de valor da tipologia bíblica.

Neste capítulo, ater-nos-emos apenas a analisar algumas semelhanças entre José e Cristo Jesus, nosso Senhor, salientando que, em toda a narrativa bíblica, José é o que expressa com maior ênfase essa faceta tipológica em relação ao ministério do Senhor Jesus.

Enumeraremos as semelhanças para melhor ordenar nosso estudo:-

1. Ambos eram filhos amados do pai. José era o filho do contentamento de Jacó, chegando ao ponto de Jacó confeccionar-lhe uma túnica especial. "E Israel amava a José mais do que todos os seus filhos, porque era filho da sua velhice; e fez-lhe uma túnica de várias cores," (Gn 37.3). Jesus é o filho querido de Deus. Em duas ocasiões especiais, no ministério de Cristo, o próprio Pai fez questão de que todos nós soubéssemos que : "Este é o meu filho amado em quem me comprazo, a Ele ouvi" (Mt 3.17; 17.5).

2. Ambos foram recusados pelos próprios irmãos. Em virtude da túnica talar, José era odiado e recusado pelos irmãos. "Vendo, pois, seus irmãos que seu pai o amava mais do que a todos os seus irmãos, aborreceram-no, e não podiam falar com ele pacificamente" (Gn 37.4). Do mesmo modo, em razão da sublimidade de Cristo, seus próprios irmãos não criam nele. "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (Jo 1.11). "Porque nem mesmo seus irmãos criam nele" (Jo 7.5).

3. Ambos tiveram que ir ao Egito, visando à preservação da vida. José, face ter sido vendido ao Egito, tornou-se governador da terra egípcia e acabou por preservar a vida de sua família. "Porque para a conservação da vida, Deus me enviou diante da vossa face," (Gn 45.5). Para fugir da fúria de Herodes, o anjo ordena que José e Maria levem o menino Jesus ao Egito, objetivando preservar-lhe a vida. "E, tendo-se eles retirado, eis que o anjo do Senhor apareceu a José em sonhos, dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga; porque Herodes há de procurar o menino para o matar," (Mt 2.13-16). Jesus só foi trazido de volta do Egito depois da morte de Herodes.

A exemplo de José. sua ida ao Egito teve por propósito a preservação da vida.

4. Ambos foram vendidos por moedas de prata. Os mercadores árabes conseguiram comprar José por apenas vinte moedas de prata. "E venderam José por vinte moedas de prata aos ismaelitas. os quais levaram José ao Egito" (Gn 37.28), ao passo que Judas Iscariotes. na maior traição possível, vendeu o Senhor Jesus por trinta moedas do citado metal. "E disse Judas: Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei ? E eles lhe pesaram trinta moedas de prata" (Mt 26.15). Observe-se que, em ambos os casos, o preço foi estipulado pelos compradores. Tanto José quanto Jesus foram vendidos e traídos por pessoas do círculo da intimidade. Eram pessoas que conviviam no dia-a-dia desses homens.

5. Ambos foram exaustivamente humilhados e depois exaltados. José teve sua túnica tomada e manchada em sangue de cabrito, foi oferecido na feira de escravos do Egito, preso injustamente por Potifar, mas saiu do cárcere para assentar-se no segundo carro de Faraó. "E o senhor de José, Potifar, o tomou e o entregou na casa do cárcere, no lugar onde os presos do rei estavam presos: assim esteve ali na casa do cárcere," (Gn 39.20,21). Jesus foi esbofeteado, açoitado, maltratado pelos inquiridores de um julgamento singular na história, zombado pelos soldados e por um malfeitor: todavia, ao consumar a obra do Pai. assentou-se à direita da Majestade no céu, onde intercede por sua Igreja. "Então, prendendo-o, o levaram, e o meteram em casa do sumo sacerdote...," (Lc 22.54) "E achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz, pelo que Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra , e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai," (Fp. 2.8-11). Que maravilhoso pensar que a exemplo de José que foi reverenciado por todos os egípcios, Jesus Cristo há de ser exaltado por todas as nações, raças, tribos e línguas.

6. Ambos tiveram o papel de saciar a fome. Quem queria pão nos dias da fome, precisava procurar José. "E tendo toda a terra do Egito fome. clamou o povo a Faraó por pão; e Faraó disse a todos:- Ide a José; o que ele vos disser, fazei" (Gn 41.55). Aos que procuram pelo pão vivo que desceu do céu, o saciador é Jesus. "Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim, não terá fome; e quem crer em mim. nunca terá sede" (Jo 6.35).

7. Ambos "casaram" com gentias. A mulher de José chama-se Asenate, filha de Potífera, sacerdote de Om. Era uma egípcia, portanto gentia. Desse casamento, nasceram-lhe os filhos Manasses e Efraim. "E Faraó deu-lhe por mulher a Asenate, filha de Potífera. E nasceram a José dois filhos (antes que viesse o ano da fome) que lhe deu Asenate." (Gn 41.45). Jesus também possui uma noiva linda, em sua essência, gentia. A maioria esmagadora de membros da noiva de Cristo é composta de gentios de todas as raças, tribos, línguas e nações. "Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja; sendo ele próprio o salvador do corpo.....como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, (Ef 5.23,25) "E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação," (Ap. 5.9).

8. Ambos não foram reconhecidos pelos irmãos num primeiro encontro. José não teve seu rosto reconhecido pelos seus irmãos quando foram comprar trigo no Egito.

"José, pois, conheceu seus irmãos, mas eles não o conheceram," (Gn 42.8). O reconhecimento só ocorreu quando o próprio José se revelou a eles. "Então José não se podia conter diante de todos e ninguém ficou com ele, quando José se deu a conhecer a seus irmãos. E disse José a seus irmãos: Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito" (Gn 45.1-3). Com Jesus, ocorre algo idêntico. "...Os seus não o receberam," (Jo 1.11). Com as exceções de nosso conhecimento bíblico, os judeus não reconheceram a Jesus como o Salvador, o Messias prometido, porém, o reconhecerão quando o próprio Jesus manifestar-se em grande glória. ".....até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre Ele...," (Ap. 1.7b) "E naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras... Será um dia conhecido do Senhor... E o Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia. um será o Senhor e um será o seu nome,"(Zc. 14.4-9).

9. Ambos tiveram a túnica tomada. Conforme analisamos anteriormente, a túnica era uma peça de valor no vestuário daqueles povos. Era uma peça de distinção, muitas vezes usada apenas por pequena parcela da sociedade. A túnica de José era um presente do pai e possuía uma diversidade de cores. Era a peça que , a distância, distinguia a José. Foi-lhe tomada por seus irmãos e banhada no sangue de um cabrito. José venceu, mas a túnica ficou em poder de seus irmãos. "E aconteceu que, chegando José a seus irmãos, tiraram a José a sua túnica, a túnica de várias cores que trazia," (Gn 37.23). Da mesma forma, Jesus também possuía sua túnica, uma peça também detalhada pelo apóstolo João como especial: Não tinha costura, porque era tecida de alto a baixo. Nada era possível para desfazer as costuras e dividi-la entre os carrascos, por isso tomaram a túnica do Senhor Jesus e lançaram sortes para ver quem ficava com ela. "A túnica, porém, tecida toda de alto a baixo, não tinha costura. Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela, para ver de quem será," (Jo 19.23-24). Mesmo despojado da túnica, Jesus triunfou sobre a morte.

10. Ambos foram tentados, mas não cederam. José, apesar de encontrar-se longe da família, resistiu aos apelos sensuais da mulher de Potifar. "E aconteceu depois destas coisas que a mulher de seu senhor pôs os seus olhos em José, e disse: Deita-te comigo. Porém ele recusou e disse à mulher de seu senhor ... Como, pois, faria eu este tamanho mal, e pecaria contra Deus,?" (Gn 39.7-9). A Bíblia registra que Jesus foi tentado em tudo, mas sem pecado, (Hb 4.15). Explicação notável da Palavra de Deus é observada quando nos declara que todos podemos e somos tentados, mas que é perfeitamente possível, com a graça dos céus, resistir às tentações.

11. Ambos tinham 30 anos de idade no início do ministério. "E era José da idade de 30 anos quando esteve diante da face de Faraó, rei do Egito," (Gn 41.46a). "E o mesmo Jesus começava a ser de quase trinta anos.....e Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou ao Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto," (Lc. 3.23 e 4.1).

12. Ambos tinham idênticos convites às multidões famintas. Pela hierarquia do reino, os povos primeiramente procuravam Faraó em busca de pão, mas a ordem do rei era: "Ide a José; fazei o que ele vos disser," (Gn 41.55). Em suas andanças, pregando a Palavra, Jesus convida a todos, assim: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei," (Mt 11.28). Na falta do vinho no casamento em Cana da Galiléia, Maria deu a mesma receita de Faraó: " Fazei tudo quanto Ele vos disser," (Jo 2.5).

13. Ambos foram colocados na cova, sem direito a explicação pessoal. Não se submeteram a qualquer rito de um processo legal para a apuração de suas acusações. José chega ao campo vigiado pelos irmãos e, querendo eles não mancharem as mãos de sangue, colocam José na cova. Cova é lugar escuro, sem alimentação, próprio para o abandono de desafetos. Na casa de Potifar, o mesmo José é acusado de algo que não deve e, sem direito à defesa, é remetido ao cárcere do palácio real, (Gn 37. 22, 39.20). Não achando coisa que condenasse o Mestre, os judeus acabaram por colocar o Senhor Jesus na cova da traição de Judas. Sujeitam a que Jesus passe uma noite de interrogatórios na casa de Caifás. Não tendo coragem de eles mesmos executarem a pena capital, entregam o Senhor Jesus aos romanos. "Depois, levaram Jesus da casa de Caifás para a audiência. E disse Pilatos: Levai-o vós e julgai-o segundo a vossa lei. Disseram-lhe então os judeus: A nós não nos é lícito matar pessoa alguma." (Jo 18.28-31). Que tipologia perfeita José representa neste tópico. Para acusar e remeter José à cadeia, a mulher de Potifar utilizou-se de falsas testemunhas (serviçais da casa do capitão). Para esbofetear Jesus e condená-lo à cruz, as autoridades da época lançaram mão do mesmo artifício.

14. Ambos, após a humilhação, assentaram sobre tronos. José foi elevado à posição de governador e assentou-se ao lado de Faraó, ocupou o segundo carro do reino e tinha autoridade sobre todo o povo do Egito. " Tu estarás sobre a minha casa, e por tua boca se governará todo o meu povo; somente no trono eu serei maior que tu ... E o fez subir no segundo carro que tinha, e clamavam diante dele: Ajoelhai. Assim o pôs sobre toda a terra do Egito" (Gn 41.40-44). Jesus, padecendo pela humanidade perdida, morreu na cruz do Calvário e ressuscitou com grande poder e assentou-se no seu trono à direita do Pai. O mártir Estêvão já relatou sua visão, dizendo: "fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à direita de Deus. E disse: Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do Homem, que está em pé à mão direita de Deus," (At 7.55,56). Realmente, Jesus encontra-se em posição de destaque. Aleluia! Por ser grande a sua glória nos céus e como recompensa aos vencedores, Jesus ainda promete conceder que seus servos também assentem-se com Ele no seu trono. Aleluia! "Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono," (Ap. 3.21).

15. Ambos, após a prova, tiveram mudança de vestimentas e adornos. Quando José saiu do cárcere para avistar-se com Faraó, trajava vestidos comuns. Após interpretar os sonhos e ser escolhido governador. José ganha vestidos novos de fino Unho, recebe um anel que estava na mão de Faraó (possivelmente de ouro) e um colar de ouro para o pescoço, (Gn 41.42). Trocou o surrado uniforme da prisão por roupas especiais e caríssimas, trocou as algemas pelo anel do próprio Faraó e substituiu os grilhões de açoites por um colar de puro ouro. O despojamento a que submeteram Jesus no momento de sua crucificação também teve sua compensação por parte do Pai, o Todo-Poderoso. Se Faraó teve com que ornamentar um ex-preso, muito mais tem o Deus de toda a Graça. Os soldados dividiram os vestidos de Jesus e sorteram a sua túnica (Jo 19.23,24); porém, ao ascender ao céu, o Senhor Jesus foi coroado de glória e vestido de resplendor. O apóstolo João, em sua visão apocalíptica, declara-nos que Aquele que lhe apareceu na Ilha de Patmos estava vestido até aos pés de um vestido comprido, e cingido pelos peitos com um cinto de ouro.... os seus pés semelhante a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha, e a sua voz como a voz de muitas águas. E Ele tinha na sua destra sete estrelas; e da sua boca saía uma aguda espada de dois fios; e o seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece, (Ap

1.13-16). Na leitura dos Evangelhos vemos Jesus portando uma coroa de espinhos em sua cabeça (Mt 27.29) e, mediante coação, é lhe colocada uma cana em suas mãos para que fique parecendo um rei. São coisas dos soldados de Pôncio Pilatos que, ainda, numa demonstração de desprezo, ajoelham-se diante do Senhor Jesus Cristo. Porém, Deus o exaltou soberanamente e deu a seu Filho todo o poder no céu e na terra. Para quem o recebe, Ele é o rei por excelência.

16. Ambos perdoaram seus assassinos. No caso de José, não se consumou o fratricídio, mas a intenção dos irmãos era matá-lo quando o avistaram naquele dia da venda aos ismaelitas. Não fosse a intervenção do irmão mais velho, Rubem, e o desígnio de Deus, José seria morto. "E viram-no de longe,e, antes que chegasse a eles, conspiraram contra ele, para o matarem," (Gn 37.18). Segundo a Bíblia, aquele que aborrece a seu irmão é homicida (I Jo. 3.15). Todavia, décadas depois, José, de coração aberto e com lágrimas, perdoou a todos eles, (Gn 50.17-21). Com Jesus, a história tem um alcance ainda superior e espiritual. Mesmo pregado ao lenho do Calvário, derramando seu inocente sangue por todos os pecadores, Jesus abre seus lábios e profere uma palavra de perdão: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem," (Lc. 23.34a). Esta palavra de perdão atravessou os séculos e nela sentimos total comunhão com o Pai.

17. Ambos vieram a ocupar lugar de destaque por determinação do rei. Não foi José quem se candidatou ao cargo de governador. Não tinha sangue real. Não fez campanhas eleitorais para conseguir a posição, não dividiu reino alheio, nem "subiu sobre o pescoço" de seu próximo para que fosse levantado governador. Foi um ato de Faraó, o rei do Egito, através da soberania de Deus (Gn 41.38-40). Jesus foi enviado ao mundo com uma missão específica: morrer para dar vida e vida com abundância. Criado na obscuridade, somente no tempo determinado mostrou-se à nação de Israel como o Messias que havia de vir. Mesmo no seu profícuo ministério, ainda não se exaltava diante do povo: "Eu não busco a minha glória: há quem a busque, e julgue" (Jo.8.50). Todavia, foi o Pai, o Rei da Glória, quem determinou o lugar de destaque para seu Filho Jesus. Vejamos a resposta de Pedro ao sinédrio: "O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, ao qual vós matastes, suspendendo-o no madeiro. Deus, com a sua destra elevou-o a Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados," (At. 5.30,31).

18. Ambos, em situações diferentes, tornaram-se provisões para povos necessitados. A quantidade de pessoas que foram supridas pela governança de José, nunca poderemos saber ao certo. Não podemos avaliar quantas nações daquele tempo alimentaram-se do trigo armazenado por José. O detalhe é que os famintos eram alimentados enquanto José estava assentado no trono de Governador do Egito. Hoje e em todas as gerações, milhões e milhões já foram alimentados pelo pão da vida que é Cristo, Nosso Senhor. Ocorre, entretanto, que a provisão de Jesus foi conseguida mediante a cruz. A provisão de José era no trono, a de Jesus, na cruz. Nosso perdão somente foi possível com a anulação da cédula que nos condenava. A cédula foi rasgada na cruz (Cl. 2.14). A fonte do pão celestial mana do pé da cruz de Cristo.

Quero estar ao pé da cruz Donde rica fonte Corre franca salutar, Do Calvário, monte. Sim, na cruz, sim, na cruz. Sempre me glorio, Té que ao fim vá descansar, Salvo, além do rio.

19. Ambos foram humilhados e exaltados no mesmo lugar. Dentre todas, a pior humilhação sofrida por José deu-se no momento em que deixou a superintendência da

casa de Potifar e foi ao cárcere. Estava no Egito. Em questão de horas, perdeu uma posição de honra e foi remetido à fria prisão do palácio real. Porém, na mesmo lugar (cidade) onde foi vergonhosamente humilhado, também foi exaltado. A mesma cidade que o viu ser levado ao cárcere, foi a que assistiu ao desfile de José no carro real (Gn 42.43). Jerusalém é chamada a Cidade do Grande Rei. Foi nela que Jesus foi preso, julgado, crucificado e morto, e também sepultado. Pelas suas ruas é que Jesus caminhou com a cruz às costas. Foram em seus palácios que Jesus enfrentou os mais ferozes inquiridores. Jerusalém também foi palco da gloriosa ressurreição do Mestre. Esta mesma cidade será palco da exaltação do Senhor Jesus Cristo, o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Jerusalém será sede do governo milenial de Cristo. A mesma cidade que o viu sofrer é a que o recepcionará quando de sua vinda em glória com os seus santos, (Zc. 14.4-9).

20. Ambos foram bênçãos potenciais para outros povos. Com o sábio governo de José, havia muito trigo nos celeiros do Egito, e os egípcios foram os primeiros a experimentar o alimento estocado. Depois vieram os hebreus, os cananeus, os midianitas, etc. "E havia fome em todas as terras, mas em toda a terra do Egito havia pão. E todas as terras vinham ao Egito, para comprar de José, porquanto a fome prevaleceu em todas as terras," (Gn 41.54-57). Na qualidade de judeu, Jesus é a esperança e a glória de seu povo. O apóstolo relata que Ele veio para o que era seu, e os seus não o receberam, mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que crêem no seu nome, (Jo 1.11,12). Nós, a exemplo de milhões em todo o mundo, temos experimentado o pão de Belém-Efrata. Somos os povos de outras terras que temos ido ao encontro de nosso "José" para comprar o trigo da salvação.

Queira o Senhor, a quem seja glória e majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, aplicar aos nossos corações as verdades sublimes da tipologia bíblica. O Senhor Jesus é a plena realização de todos os tipos bíblicos. Muitos outros personagens da Bíblia também foram tipos de Cristo, especialmente Moisés, Samuel, Davi. Em Jesus e somente nele, repousa o cumprimento de todas as promessas acerca da salvação. Ao crescer nosso conhecimento das evidências da grandeza de nosso Amado, certamente, aumentará nosso amor e dedicação a Ele.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada - Edição Revista e Corrigida

Bíblia de Estudo Pentecostal - Notas de Donald C. Stamps -1995 - Casa Publicadora das Assembléias de Deus

O Pentateuco - EETAD - Escola Teológica das Assembléias de Deus Campinas/SP.

A Bíblia Explicada - S.E. McNair - 1983 - Casa Publicadora das Assembléias de Deus - Rio de Janeiro

Dicionário da Bíblia - John D. Davis - 1977 - Casa Publicadora Batista

Através da Bíblia - Livro por Livro - Myer Pearlman - 1978 -Editora Vida

História dos hebreus - Vol. 1 - Flávio Josefo Casa Publicadora das Assembléias de Deus

Pequena Enciclopédia Bíblica - Orlando S. Boyer - Imprensa Metodista

Estudo no Livro de Gênesis - Antônio Neves Mesquita -

Lições Bíblicas - Jovens e Adultos - CPAD - 4. Trimestre -1995 -Comentarista: Pr. Elienai Cabral.

Juventude em Crise - Ronaldo Fonseca - CPAD-1994